

Afirmativa

ANO 3 - Nº 12 - AFROBRAS / UNIPALMARES

plural



Inclusão: uma luta de todos!



Mais uma peça da nossa atuação socioambiental:

*R\$ 167 milhões
investidos em 2005
na Fundação Bradesco.*

A Fundação Bradesco é um dos maiores programas de educação gratuita do Brasil. São mais de 108 mil alunos, entre crianças, jovens e adultos, em 40 escolas distribuídas em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal. Em 50 anos de atividades já formou e capacitou mais de 620 mil alunos. Mas isso é só uma parte do que a Organização Bradesco faz. Ela tem ainda o Cartão de Crédito e o Título de Capitalização Pé Quente SOS Mata Atlântica, o Banco Postal, o Microcrédito, o Programa Finasa Esportes e muitas outras iniciativas que, juntas, ajudam a deixar a vida das pessoas muito mais completa.



Bradesco



Entro em contato para, antes de tudo, parabenizar vocês pela revista Afirmativa. Sou professora universitária do Curso de Comunicação Social e gostaria muito de receber a revista para dividir seu conteúdo com meus alunos.

*Tâmara Lis
Juiz de Fora - MG
Professora de Comunicação Social*



Prezados Editores/Jornalistas,
Como posso adquirir a revista Afirmativa, os exemplares anteriores e os próximos?
Obrigado,

*Helton Pinheiro
São Paulo - SP*



Gostaríamos de parabenizar a Afrobras pelo trabalho que está desempenhando. Também saudamos a todos os jornalistas da revista Afirmativa que emitem informações sobre as questões raciais e que têm credibilidade e seriedade no trabalho desempenhado.

Um abraço do tamanho do Rio Grande do Sul,

*José Carlos Rodrigues
Projeto Kizomba
Alvorada - RS*



A Revista Afirmativa reflete a consciência do novo afrodescendente de que lutar e noticiar é preciso. Aqui vai o meu apreço por este trabalho maravilhoso, e que continuem no caminho da perseverança.

*Marta Costa de Carvalho
Distrito Federal - GO*

artas

“É preciso erradicar qualquer forma ou manifestação de intolerância”

Resolvi começar esse texto com uma frase do presidente do Bradesco, maior banco privado brasileiro e presidente da Febraban - Federação Brasileira de Bancos, Márcio Cypriano, dita no Dia 21 de Março, no Memorial da América Latina em São Paulo, para mais de mil pessoas e, com certeza, cerca de 90% delas negras.

A frase, dita em alto e bom som, pode parecer simples, mas através de um dos grandes executivos do país pode fazer a diferença e fazer com que muitos outros,

sigualdades sociais entre brancos e negros. E como disse Cypriano, a luta contra a discriminação racial deve envolver governos, empresas e instituições da sociedade civil organizada, incluindo cada cidadão. “Esta atitude deve estar presente na consciência e na prática do dia-a-dia.” Mas nesta edição também comemoramos o Dia 8 de Março trazendo alguns exemplos de mulheres fortes, negras, que começaram lá atrás nossa luta pela inclusão não só do negro numa sociedade mais justa, mas tam-

ao lerem esta revista, refletem sobre o seu sentido e sobre a responsabilidade do trabalho de inclusão de cada um. Isto ocorreu durante cerimônia reflexiva pelo Dia Internacional de Luta contra a Discriminação Racial realizada tradicionalmente há sete anos pela Afrobras que outorgou a algumas personalidades a Medalha de Honra ao Mérito Cívico Afro Brasileiro para aqueles que trabalham pela inclusão e pela cidadania.

Nessa ocasião, a Afrobras, sensibilizando os grandes executivos financeiros presentes, conseguiu que os maiores bancos do país disponibilizassem mais 140 vagas de estágios bem remunerados e diferenciados para os alunos da Unipalmares, mostrando que em um dia como este, são necessárias atitudes fortes e afirmativas para reduzir as de-

bém da mulher negra, duplamente discriminada como bem mostram os números da nossa matéria especial. Afirmativa Plural traz exemplo de vida de mulheres-símbolos que transformaram as próprias vidas em mensagens e batalhas igualitárias, deixando marcas pela história, legados de lutas e caminhos abertos à humanidade. São poucos os nomes, mas nossa homenagem e gratidão são para as centenas de mulheres como essas, conhecidas ou não, que trabalharam e que trabalham por uma sociedade melhor e, em especial à esposa do líder Martin Luther King Jr., Coretta King, que faleceu no último dia 31 de janeiro, à qual deixamos nosso adeus.

Boa leitura!
Francisca Rodrigues
Editora

editorial

Entrevista Especial	
Roberto Luís Troster.....	6
Cidadania	
Desracializar o debate - Roseli Fischmann.....	10
A diversidade étnica brasileira: de que estamos falando? -	
João Baptista Borges Pereira	12
Capa	
Inclusão: uma luta de todos!.....	14

Na Zumbi

Presidente da Nestlé profere Aula Magna para alunos da Unipalmares	42
Unipalmares recebe delegação de Atlanta	44
Representantes da Plataforma Global da Diversidade conhecem projeto da Unipalmares	46
Unipalmares abre as portas ao projeto A Cor da Cultura ..	47
Perfil	
Primeira colocada no vestibular da Unipalmares	48
Comportamento	
Mulheres de Raça - Daniela Gomes	52
Encontros femininos - Maria Célia Malaquias	58
As mulheres da nova Palmares - Cristina Jorge.....	59
Nossas heroínas na luta cotidiana pela superação - Rosenildo Gomes Ferreira	60

Índice



Da esquerda para a direita: Daniela Gomes, Zulmira Felício, Francisca Rodrigues (à frente), Ana Luiza Biazeto e Grace Ellen Rufino

Cultura

Agenda Cultural	62
Revivendo um passado de glórias.....	64

Educação

Quanto vale ou é por quilo - Gabriel Cohn	66
A educação aprofundando diferenças - José Aristodemo Pinotti.....	70
Não existe almoço grátis - Gláucio Ary Dillon Soares	72
Perspectivas e alternativas educativas dentro da diversidade racial - Sofia Manzano.....	75
Invisibilidade acadêmica - Ana Luiza Biazeto.....	76
Educação à distância e Inclusão - Cléo Tibiriçá.....	79

Plural

Mais calma, mais razão - Edson Vidigal	80
Traços de liberdade - Maurício Pestana	82

Responsabilidade Social

Iris: três ações, três valores, um projeto	84
Coca Cola e Akatu, em prol da reciclagem.....	85

Empreendedorismo

Luiz Carlos de Oliveira.....	86
------------------------------	----

Economia

O avanço do retrocesso - Ives Gandra Martins.....	88
Desafios para 2006 - Paulo Skaf.....	90

Palavra do presidente

Nenhum peso, nenhuma medida - José Vicente.....	92
---	----

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural e da Universidade Zumbi dos Palmares, com periodicidade bimestral. Ano 3, Número 12 - Rua Washington Luiz, 236 - 3º andar - Luz - São Paulo /SP - Brasil - CEP 01033-010 - Tel. (55-11) 3228-1824.

Conselho Editorial: José Vicente, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Francisca Rodrigues, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Francisco Canindé Pegado do Nascimento, Jarbas Vargas Nascimento, Humberto Adami, Felice Cardinali, Sônia Guimarães.

Direção Editorial e de Redação: Jornalista Francisca Rodrigues (MTb. 14.845 - francisca@afrobras.org.br); **Redação e Publicidade:** Maximagem Assessoria em Comunicação (mim@maximagemmidia.com.br) - Tel. (11) 3229-9554.

Redação: Zulmira Felício (zulmira.felicio@globo.com - Mtb.11.316), Daniela Gomes (daniela_afrobras@yahoo.com.br - Mtb. 43.168), Demetrius Trindade (demetrius@ afrobras.org.br - Mtb. 30.177), Ana Luiza Biazeto (analuiza@afrobras.org.br - Mtb. 42.365), Grace Ellen Rufino (estagiária); **Fotografia:** J. C. Santos, Cíntia Sanchez, Miro Ferreira e divulgação. Colaborador Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br), Maurício Pestana (pestana@mauriciopestana.com.br) e Rosenildo Gomes Ferreira (rosenildoferreira@revistadinhoerio.com.br).

Editoração eletrônica, CTP, Impressão e Acabamento: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras/Unipalmares. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

ERRATA: A Afirmativa retifica legenda de foto publicada na página 61, edição 11. O profº Hélio Santos não divide a foto com a namorada, mas sim com a sra. Marcilene Garcia de Souza.



Negros em Foco. A cara do Brasil.

Entrevistas,
política, saúde, emprego
e todos os assuntos que fazem
parte da nossa vida.
A comunidade afro-descendente
em foco.

Domingos, às 21h00,
na Rede Brasileira de Integração -
RBI-TV Mix, canal 14 UHE.
Reprise às quartas-feiras,
às 21h30.

Realização:
Afrobras - Sociedade
Afro Brasileira
de Desenvolvimento
Sócio Cultural

Apresentação:
José Vicente

Mais do que uma aula, toda a vida

Ao tratar de apoio à diversidade, o economista-chefe da Febraban (Federação Brasileira de Bancos), Roberto Luís Troster, disserta sobre crises econômicas, responsabilidades e tomada de consciência do brasileiro



Roberto Luis Troster

Primeiro professor brasileiro de Economia a lecionar em Angola, ainda durante o período de guerra civil naquele país, o economista-chefe da Febraban, Roberto Luis Troster, foi o preleitor da tradicional aula magna que dá início ao ano letivo na Unipalmares no dia 20 de fevereiro.

Com o tema *As Tendências do Mercado Financeiro*, Troster, que já foi consultor do FMI e do Banco Mundial, destacou várias questões, entre elas globalização, tecnologia e desemprego. Em meio à participação dos alunos através de perguntas, o professor aproveitou o discurso para afirmar que até o momento em que você é o ser diferente em uma situação, não há como sentir a diferença entre os seres humanos. Afirmou, ainda, que entender a África nos faz ver que o Brasil é mais africano cultural e socialmente do que pode-se imaginar. Em entrevista à *Revista Afirmativa*, Troster fala um pouco mais sobre as *Tendências do Mercado Financeiro* e outros pontos como os novos caminhos da economia brasileira, responsabilidade social e o trabalho desenvolvido pelo setor financeiro.

Afirmativa: *O que é preciso ao brasileiro, após tanto sofrimento com a alta da inflação, crises econômicas e problemas com os governos anteriores, para enxergar o futuro de uma maneira promissora e investir nele?*

Roberto Luis Troster: É necessário uma retomada de consciência por parte de todos os brasileiros. Enquanto não houver essa consciência, esse momento não vai acontecer.

Mas acredito também que o país tem tudo para que isso aconteça e que aos poucos esse momento vai chegar.

Afirmativa: *Ao mesmo tempo em que há um crescimento econômico, nota-se que o desemprego tem crescido. Por que?*

Roberto Luis Troster: A primeira coisa a ressaltar é que o crescimento do desemprego, ou do emprego, não é homogêneo, não afeta todos os setores do mesmo jeito. Daí, você tem alguns setores que são mais afetados e os que são menos afetados. Há setores e regiões, principalmente aqueles ligados à exportação, que estão melhorando, que estão chegando ao bolso, e há outros setores que estão até encolhendo.

Afirmativa: *Qual a posição das instituições financeiras quanto aos créditos pessoais? Está havendo um aumento de instituições que fornecem esses créditos? Quais devem ser os cuidados das pessoas ao adquirir um crédito?*

Roberto Luis Troster: São duas coisas: primeiro, não existe uma posição homogênea. Cada instituição financeira tem sua vocação, tem seus nichos. Existem instituições que não têm nenhum crédito para pessoa física, outras que são 100% focadas em pessoas físicas. Alguns bancos têm um setor especializado para clientes exclusivos, outros trabalham apenas com classes C e D. Então, é mais uma questão de vocação do que uma questão de comportamento homogêneo.

Quanto aos cuidados que devem ser tomados são os mesmos da compra de qualquer produto: é preciso verificar preço, prazo, condições, ver se é compatível com o orçamento, se é o melhor que existe no mercado. A gente tem que ser cuidadoso com dinheiro, assim como com qualquer outra coisa.

Afirmativa: *O senhor falou em uma mudança na característica dos bancos e também em tecnologia. E o medo de clonagem, de entrar na Internet e colocar dados pessoais? Como trabalhar isso?*

Roberto Luis Troster: Isso é uma obsessão para a Febraban. Essa preocupação com esse risco e com a segurança é primordial. A Febraban tem em seu site (www.febraban.org.br) recomendações do que se deve ou não fazer, os cuidados com senha, com documentos eletrônicos, os cuidados para evitar esse tipo de coisa. Todo mundo tem que ter cuidado. Os bancos são seguros, mas você tem que tomar cuidado com cartões, seguir todas aquelas instruções que minimizam o risco. Eu já tive problemas, apesar dos cuidados, que foram rapidamente identificados.

Afirmativa: *Diversas instituições bancárias investem em parcerias com a Unipalmares através da contratação de estagiários. Trata-se de uma universidade nova, com projeto diferenciado. Para o senhor, o que motiva essas parcerias?*



Economista-chefe da Febraban, Roberto Luís Troster, profere aula magna na Unipalmares

Roberto Luís Troster: Em primeiro lugar, o fato de ser um bom projeto influencia nessa escolha. Bancos não põem dinheiro bom em coisa ruim. Quanto ao preconceito, é uma questão localizada. O trabalho afirmativo que a Unipalmares está fazendo é muito bom, mas isso não impede que haja pessoas preconceituosas em bancos, indústrias, comércio e todos os lugares. O melhor jeito de superar o preconceito é provar, por A+B, que não há diferença. É isso que a Unipalmares está fazendo e nesse sentido está de parabéns.

Afirmativa: *Como foi a sua entrada no ramo de instituições financeiras e qual a*

sua mensagem para os alunos da Unipalmares que estão no setor financeiro?

Roberto Luís Troster: Eu ganhei um prêmio quando eu me formei em Economia e depois disso me ofereceram um emprego. Eu gostei do setor, de trabalhar nisso, e apesar de nem todos os dias serem felizes, eu ainda gosto. Quanto às características necessárias para trabalhar no setor financeiro, são necessários diversos cuidados. O primeiro é gostar de estudar! É um setor dinâmico, você sempre tem que estar atualizado e você é respeitado pela sua capacidade intelectual. O segundo é ter capacidade de relacionamento. Você tem que

saber se relacionar em todos os níveis. Tem que possuir uma flexibilidade, mas com rigidez, porque tem coisas que você pode ceder e outras coisas que você não pode; é necessário ter princípios éticos muito rígidos, saber o que se pode e o que não se pode fazer, porque você só erra uma vez. Se você é desonesto, é uma vez só; se você falha, é uma vez só; confiança é uma coisa muito difícil de conseguir. Tem que ter perseverança, dedicação, esforço, que são coisas necessárias em qualquer profissão. Mas o segredo é uma boa formação, uma boa personalidade e trabalhar bem e... suor, suor, suor e suor. ■

Por: Roseli Fischmann, Professora do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da USP

desracializar o debate

O ultimo relatório de Desenvolvimento Humano da ONU demonstra que há dois “Brasis” convivendo – um branco e um negro –, entre os quais se abisma um foco de desigualdade. Contudo é freqüente ouvir que reivindicações dos afrodescendentes seriam tentativa de racializar o debate e a sociedade brasileira, que, sem isso, seria igualitária e harmônica. Complementam, é necessário “desracializar o debate” para haver avanços. É mesmo necessário desracializar o debate, mas no sentido inverso: é

preciso haver mais negros no debate. É simples constatar que a presença em cena pública é predominantemente branca, de formação européia. Há nuances de tipo étnico ou religioso, mas de registro semelhante. Se o Brasil tem 46% de afrodescendentes, compreender o país implica compreender quase metade de sua gente, por sua própria voz, sem intérpretes. Na “Microfísica do Poder”, Deleuze afirma a Foucault: “A meu ver, você foi o primeiro a nos ensinar – tanto em seus livros quanto no domínio da

prática – algo de fundamental: a indignidade de falar pelos outros”. Negros e negras em postos de autoridade pública são em quantidade mínima, em especial ao considerar quem representam no conjunto da população brasileira. Esse fato interfere nos exercícios do poder e na construção democrática, que, sem a presença efetiva da população brasileira representada, será de menor qualidade. Se a cor da pele não interfere na dignidade humana, não é justo que interfira na possibilidade de expressão e voz. Tra-

“ Negros e negras em postos de autoridade pública
 são em quantidade mínima, em especial ao considerar
 quem representam no conjunto da população brasileira ”

ta-se de requerimento democrático, sem o que podemos construir interpretações homogeneizadas, que chegam já filtradas pela condição existencial de cada um.

Variações da temática estão presentes em exemplos muitas vezes trágicos, como na crise atual referente às caricaturas depreciadoras do islamismo. Utilizar, como base de suporte humor ou de crítica direta, elementos estigmatizadores que funcionam como identificação de um grupo humano é brutalidade que se percebe apenas quando ocorre apenas na própria pele – e muitas vezes assim –, quando se assume em relação a si mesmo uma atitude estigmafóbica, como define Erving Goffman.

Sabemos gritar quando nossos valores são atingidos, mas banalizamos o sofrimento alheio, de quem vê exposto à execração pública que tem de sagrado. Atribuímo-nos o direito de decidir o que é ou não fonte de sofrimento para o outro, sem abrir espaço para a escuta, em um processo de exclusão que incita ao ódio mútuo.

É também freqüente a negação quando, em quadros comparativos de padrão de beleza no Brasil, coloca-se como avaliação perene dos indígenas a de 500 anos atrás. Na visão de Pero Vaz de Caminha, ig-

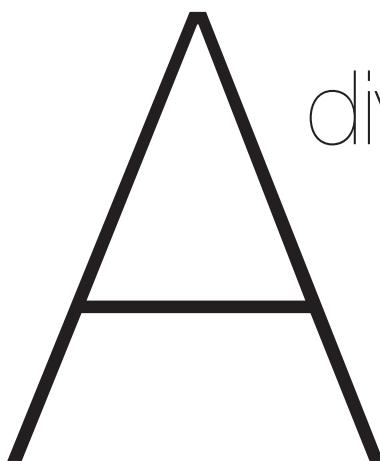
norando a existência de padrão estético entre os indígenas, naquele tempo e agora.

Ou na televisão (em que pese o relevante merchandising social) como na novela “América”, da Globo, em 2005, em que atores foram chamados para interpretar portadores de deficiência visual no papel principal, enquanto quem vive a doença foi relegado a papel secundário, de certa forma repetindo a lógica do passado. São detalhes de um modo de ser e de ver a que nos acostumamos com autobenevolência, porque a presença do outro, a falar do seu próprio entendimento e anseio, causa desconforto, nos arranca do sentimento que nos permitimos de estar em casa à vontade em um mundo que se apresenta predominantemente ou hegemonicamente “nossa”. Um “nós” excludente, que além de atingir o indivíduo, atinge a democracia.

Theodor Adorno, no clássico “Personalidade Autoritária”, demonstra que há identidade entre os que legitimam o autoritarismo e os que discriminam em razão da raça, étnica, gênero, religião, presença de deficiente, origem social, nacional. Por isso, argumenta, a pluralidade humana é

a face visível do pluralismo político, base da democracia.

Segundo Adorno, cabe às políticas de fortalecimento da democracia promover a pluralidade em espaço público, sendo um dos meios a educação para e pelo convívio na escola. Ressalta, a única forma de derrubar preconceitos e discriminação é com a presença direta dos que são alvos dessa exclusão, esclarecendo e ensinando sobre si mesmo no cotidiano. Por isso o benefício de abrigar, nas escolas públicas, vozes e cores que trazem realidades, sentimentos e opiniões com que os predominantes não estão acostumados a lidar. Para arrancar de toda autocomplacência e de todo conformismo quem vive cego e insensível à brutal desigualdade e exclusão que construímos, com ponto de vista acomodados e confortáveis. Ganharemos em criatividade e poder como seres humanos, lançaremos novas perspectivas para a democracia e seremos os grandes beneficiários de um gesto que, a princípio, pareceria desterranos do lugar que mereceremos. Mas porque merecemos todos bem mais do que hoje temos, desracializar o debate já é a questão. ■



diversidade étnica brasileira: de que estamos falando?

Por: João Baptista Borges Pereira, Antropólogo – Professor Emérito da FFLCH-USP, Professor do curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, presidente da Comissão Permanente de Políticas Públicas para a População Negra, da USP.

Somos um povo que se acostumou a contemplar a diversidade étnica do país como se esse fenômeno fosse absolutamente natural na experiência humana. Diariamente, sem qualquer surpresa ou interrogação, participamos, pelo menos publicamente, de um desfile heterogêneo de raças, cores, culturas, línguas. Todavia, esse “espetáculo étnico diferenciado” nem sempre se reproduz em outras nações contemporâneas que se vêem envolvidas no decantado processo de globalização, imensa e moderna teia que aproxima, de forma inédita, grupos, pessoas, objetos, idéias.

Talvez se possam distinguir três modelos-ideais, no sentido weberiano, que dão a orientação a tais nações tidas como modernas: a sociedade monoétnica, a sociedade pseudo pluriétnica, e a sociedade pluriétnica.

O Japão foi sempre um exemplo adequa-

do de sociedade que, além de preservar, exalta em fala explícita as virtudes do que chamam de monoracialidade. Há poucos anos, o ministro de finanças daquele país informava, em discurso, que toda a prosperidade da nação após a 2ª Guerra Mundial devia-se a um único fator: a preservação da sua marca monoracial. Os decasséguis exibem ao mundo os entraves, quase sempre intransponíveis, de deixar o espaço restrito de trabalho para tentar incluir-se na sociedade japonesa, a partir do casamento misto. Interessante é que, no plano da cultura, especialmente tecnológica, o Japão é um voraz consumidor de idéias e produtos alienígenas. Esses dias, por conta de charges sobre o fundador do islamismo publicadas em seu jornal de maior circulação, a Dinamarca revelou-se ao mundo como nação que também cultiva e exalta de forma explícita a monoracialidade. Segundo o dirigente

Pia Kjaergaard, o programa de seu partido (que há anos domina a cena daquele país), “o Partido do Povo Dinamarquês não aceita que a Dinamarca se converta em uma sociedade multiétnica”.

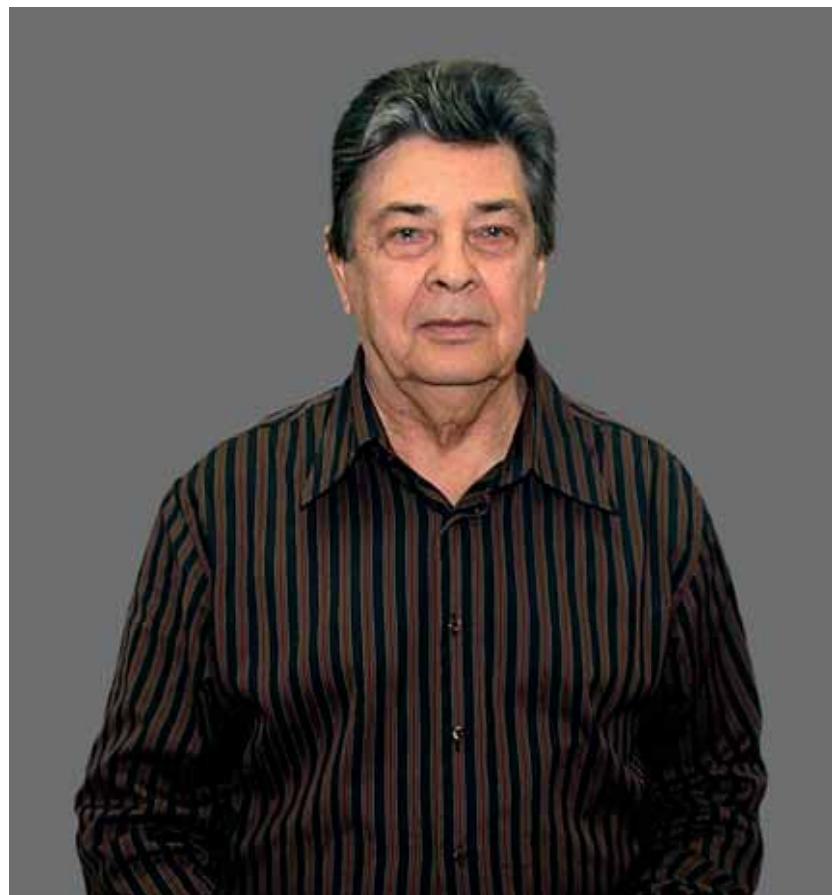
Há nações que se pretendem, se pensam, como monoétnicas, puras, baseadas no “esquecimento” de um longínquo passado plural. Todavia, a história recente está ressuscitando esse passado congelado com vivos ingredientes humanos e culturais, transformando-os, num ritmo acelerado, em sociedades pluriétnicas. Essa pluriétnicidade conspira perigosamente com o decantado ethos da pureza. É o caso dos atuais países europeus que foram obrigados, por fatores políticos (descolonização) e econômicos (demanda de mão-de-obra barata), a abrir suas fronteiras a indesejáveis estrangeiros.

No cenário europeu, a França ocupa uma posição singular. Baseada, ainda, nos prin-

cípios de sua Revolução – liberdade, igualdade e fraternidade – esse país ostenta uma retórica oficial que exaltara a diversidade. No entanto, essa retórica é constantemente posta à prova e, em geral, vencida pelo momento histórico atual. Haja vista os recentes levantes de populações adventícias e marginalizadas nas periferias das grandes cidades pelo sistema político e produtivo da nação francesa. Em síntese, o ethos nacional franceses se representa no campo das idéias como o ethos de um país revolucionário, aberto, liberal, democrático. No campo da realidade empírica, entretanto, é um país que se divorcia de seus ideais, pois, no fundo, ainda cultiva a valorização da pureza nacional, o que significa, da pureza étnica.

Por fim, há nações que se construíram e se admitiram histórica e socialmente como realidades plurais. É o exemplo dos Estados Unidos e do Brasil, cada qual seguindo modelos políticos específicos para administrar a sua diversidade. No caso do Brasil, a pluralidade étnica é um evento primordial, nunca escamoteado pela história, que reúne índios, brancos e negros, embora se tenha tornado mais complexo, multifacetado pelas singularidades de todos os contingentes migratórios estrangeiros, a partir do século XIX.

No Brasil, a diversidade étnica não é apenas um fato histórico. É um fato tido como auspicioso, um bem, um enriquecedor da nação. Em todas as falas, em todos os discursos, em todas as representações que tangenciam esse tema, a louvação da pluralidade étnica é uma palavra-chave. É preciso, porém, refletir sobre um ponto. Pelo menos no tocante ao índio e ao negro, notadamente ao negro, a exaltação da diversidade é de natureza cultural. Não é por acaso que o candomblé e o acarajé foram tombados como patrimônio cultural do país. Também não por acaso, Zumbi, tão reverenciado pelos negros, tenha sido colocado por disposição presidencial na galeria



João Baptista Borges Pereira

dos heróis da pátria, isto é, no panteão dos heróis brasileiros, ainda que os negros o vejam como herói da negritude. O que significa exaltar a diversidade apenas no plano cultural? Significa que o grupo associado histórica ou logicamente a essa cultura não é alcançado pelos predicados de “sua” cultura. Em outras palavras, a chamada cultura afro-brasileira, que é usada para dar a marca singular da brasiliidade, expressa, simbolicamente, a nossa louvada diversidade. É nela que residem os elementos enriquecedores da nação-plural. Porém, é o homem negro? O homem negro, ou o grupo negro, enquanto assiste à exaltação de sua cultura, continua lutando, desde a abolição da escravidão, lá no plano da estrutura social, em busca de seu lugar na sociedade, na esperança de

ascender no mesmo ritmo de “sua” cultura. É no plano estrutural que a população negra está confinada, pois é nesse domínio social que são gerados os clássicos mecanismos discriminatórios que limitam, desde sempre, a participação de muitos grupos étnicos na sociedade brasileira. Dentro desse contexto, é que o sociólogo Costa Pinto, nos meados do século XX, afirmava que enquanto os estudiosos brasileiros exaltavam, à exaustão, em suas reflexões acadêmicas, a cultura afro-brasileira, a população negra, esquecida, morria de inanição nas ruas das grandes cidades do país. É por essa diversidade humano-estrutural, mesmo sem esquecer a dimensão da cultura, que negros e brancos devem lutar no Brasil, num projeto de construir a plena cidadania. ■

eflexão e
resultados no
Dia Internacional
de Luta contra a
Discriminação
Racial

*Parceria com
instituições financeiras
resultou em mais 140
vagas para alunos da
Unipalmares*



A Afrobras realizou, como faz há sete anos no Dia 21 de Março, a entrega da Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro, no Memorial da América Latina, com finalidade de agraciar pessoas físicas e jurídicas que tenham contribuído, direta ou indiretamente, com os valores do respeito à diferença, tolerância e igualdade de oportunidades, que colaborem para a elevação moral, social e inserção sócioeconômica, cultural e educacional dos negros brasileiros.

O Dia 21 de Março, instituído pela ONU como Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, não teria como não ser significativo para a Afrobras, organização que trabalha pela justiça e igualdade de direitos entre brancos e negros, focada principalmente na educação.

Em 21 de março de 1960, em Sharpenville, Johanesburgo, dos 20 mil que protestavam pacificamente contra a lei do passe – política do *apartheid* – que



Modiba Isaac Choshane



Comissão de Outorga da Medalha de 21 de Março de 2006: desembargador Alvaro Lazzarini, decano do egrégio Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo; Humberto Adami, presidente do Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (Iara); Conceição Lourenço, diretora da Tv da Gente; Mãe Sylvia de Oxalá; Nelson Salomé, médico e ex-deputado estadual; Laura Laganá, diretora do Centro Paula Souza; Celso Pitta, ex-prefeito de São Paulo; Sonia Guimarães, responsável pelo Projeto Sinfrá, do Instituto Aeronáutica e Espaço; Jadiel de Oliveira, embaixador-chefê do Ministério das Relações Exteriores em São Paulo; Ivan Zurita, presidente da Nestlé do Brasil; Fernando Leça, presidente da Fundação Memorial da América Latina.



Gustavo Petta



Wilson Simoninha



Márcio Cypriano

Emilson Alonso

Fábio Barbosa

Miguel Jorge

os obrigava a portar cartões de identificação, especificando os locais por onde eles podiam circular, 69 foram mortos e 186 feridos pelo exército.

Além de homenagear, a Afrobras e Universidade Zumbi dos Palmares puderam colher frutos do seu trabalho, pois através da parceria com instituições financeiras, mais 140 vagas foram disponibilizadas para alunos da universidade, somando agora mais de 200 jovens aprendendo, na prática, como é o mercado financeiro.

Em nome da África do Sul, o cônsul deste país, Modiba Isaac Choshane, foi homenageado com um ramalhete de flores pelos alunos da Unipalmares Andressa Amaral e Everton de Souza.

Os condecorados de 2006, os quais receberam as medalhas pelos já outorgados Ivan Zurita, presidente da Nestlé, e Mãe Sylvia de Oxalá, foram os presidentes dos bancos Bradesco, Márcio Cypriano; HSBC, Emilson Alonso e do Real ABN Amro, Fábio Colletti Barbosa. O vice-presidente do Banco Santander Banespa, Miguel Jorge; os presidentes da Rede Record, Alexandre Raposo e da União Nacional dos Estudantes (UNE), Gustavo Petta; o cantor e presidente da TV da Gente, Netinho de Paula; o cantor Wilson Simoninha; a atriz Valquíria Ribeiro; e o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, premiado com a Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro no Grau Chanceler.



Os anfitriões: Mãe Sylvia de Oxalá e Ivan Zurita

Leia nas próximas páginas algumas contribuições dos homenageados à sociedade.



Geraldo Alckmin



Alexandre Raposo



Valquíria Ribeiro



Netinho de Paula

Quem determina o sabor da sua vida
é Você.



convenção®
Cervejas e Refrigerantes

0800 77 10 008
sac@convencao.ind.br

Maior banco privado do Brasil abre oportunidade a mais 30 estudantes da Unipalmares

“ A luta contra a discriminação racial deve envolver governos, empresas e instituições da sociedade civil organizada, incluindo cada cidadão , ,

O presidente do maior banco e empregador privado do Brasil, o Bradesco, e da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Márcio Cypriano, aproveitou o recebimento da Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro, outorgada pela Afrobras, para anunciar a ampliação do número de estagiários da Unipalmares contratados pelo Bradesco, no “Programa de Qualificação Profissional Bradesco-Unipalmares”, iniciado em novembro de 2005, que já conta com 30 estudantes da universidade. Serão mais 30 que terão as portas abertas desta instituição – que tem mais de 16,5 milhões de clientes – e começarão a atuar em maio próximo.

De acordo com Cypriano, esse tipo de convênio, que tem a complementação de aprendizagem da Faculdade de Economia Administração e Contabilidade da USP (FEA), é im-

portante para os estudantes da Unipalmares, pois “além de ser um programa de qualificação diferenciado, eles têm acesso à complexidade do dia-a-dia de uma instituição financeira de grande porte e de expressão mundial, contando também com a orientação de profissionais experientes como tutores”. Afirma ainda que “esta é uma das ações do Bradesco dirigidas para a construção de uma sociedade melhor”.

O presidente do Bradesco, líder privado também em Internet Banking, com 6,9 milhões de usuários e maior detentor do lucro da história dos bancos da América Latina, em 2005 – ultrapassando a marca dos R\$ 5,5 bilhões –, afirma que a luta contra a discriminação racial deve envolver governos, empresas e instituições da sociedade civil organizada, incluindo cada cidadão. “Esta atitude deve es-

tar presente na consciência e na prática do dia-a-dia. É preciso erradicar qualquer forma ou manifestação de intolerância.”

Para Márcio Cypriano, o recebimento da medalha é um momento em que reitera a admiração pelo trabalho da Afrobras e da Unipalmares. “Reafirmo o nosso empenho em apoiar e contribuir para este trabalho tão importante.”

Cypriano informa que o Bradesco, com 1,4 milhões de acionistas e cerca de três mil agências em todo país, sempre se preocupou com inclusão social, tanto é que em setembro deste ano a Fundação Bradesco, entidade voltada para a educação de crianças, jovens e adultos, faz 50 anos. “É uma obra que tem 108 mil alunos em 40 escolas instaladas principalmente em regiões carentes, dando ensino de qualidade totalmente gratuito, assistência médica e dentária.”



Márcio Cypriano

Alunos da Zumbi ganham 50 vagas de um dos maiores bancos do país e do mundo

“ Os exemplos que contagiam a sociedade devem ser mostrados para que outros se entusiasmem e vejam que é possível fazer ”

Através do presidente do Banco ABN Amro Real, quarto maior banco privado do país na concessão de crédito, Fabio Barbosa, os alunos da Unipalmares presentes no evento do dia 21 de Março puderam perceber a expansão das possibilidades de trabalho em instituições financeiras para eles. “O Banco ABN Amro Real contribui com o seu tijolo na construção de um país melhor e se compromete neste momento a contratar 50 estagiários da Unipalmares”, anunciou o presidente da instituição.

O processo de seleção começa em maio e o estágio em agosto deste ano. A Fundação Getúlio Vargas participará da complementação de aprendizagem através de cursos à

distância e também vai colaborar na definição do conteúdo neles ministrados.

De acordo com Barbosa, que em abril de 2005 recebeu o Prêmio Executivo de Valor, na categoria bancos e serviços financeiros, pelo jornal Valor Econômico, a atualidade é a época da inclusão, na qual as empresas têm que dar oportunidades para grupos cada vez mais diversos. “Os exemplos que contagiam a sociedade devem ser mostrados para que outros se entusiasmem e vejam que é possível fazer”, explica o presidente do ABN Amro, no Brasil, um dos líderes de bancos internacionais com ativos totais da \$ 880.8 bilhões, com mais de 3.000 agências

em mais de 60 países e territórios, com um staff de 96 mil pessoas em todo o mundo.

O presidente do Banco ABN Amro Real, integrante do ABN Amro Bank, 20º maior no mundo e 11º na Europa por patrimônio de referência, acredita que há um processo longo para que a sociedade se conscientize. “Deve-se dar notoriedade para casos de sucesso, para que os mais céticos possam perceber que o exercício da cidadania é que faz a diferença. Não é questão de ser politicamente correto, mas sim de ter um grupo diverso e integrado na empresa, e por isso mais rico”, disse Barbosa, explicando a importância da inclusão social.



Fabio Barbosa

A UNE a favor das cotas e da reforma universitária

“ A UNE batalha pela democracia no ensino superior e também carrega a bandeira do sistema de cotas aos afrodescendentes ”

Um país sem educação dificilmente terá um desenvolvimento comparado aos de “primeiro mundo” que investiram fortemente nesse setor. O Brasil gasta apenas 4,2% do seu PIB – Produto Interno Bruto – em educação, taxa bem inferior aos países em desenvolvimento. As universidades públicas estão diante de um duro esgotamento financeiro e as privadas cresceram descontroladamente, a maioria sem frisar pela qualidade como forma de atender a demanda que, neste caso, deveria ser um papel do Estado, diz

Gustavo Petta, presidente da UNE – União Nacional dos Estudantes.

Para Petta, um país desigual deve lutar por igualdade e não somente aceitar a condição em que se encontra. “A UNE batalha pela democracia no ensino superior e também carrega a bandeira do sistema de cotas aos afrodescendentes”, afirmou ao receber a Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro no último Dia 21 de Março, outorgada pela Afrobras.

Na avaliação de Petta, a lei da reforma universitária, criada pelo MEC e

depois de tantas discussões e dezenas de emendas, o resultado foi um texto balanceado que tentou agradar a todos os interesses envolvidos. “Mas por causa do conservadorismo da política macroeconômica, o projeto ainda não saiu da gaveta da Casa Civil desde julho do ano passado. “Isto demonstra que o governo ainda não se deu conta da urgência de mudanças educacionais e que a educação não pode mais esperar a boa vontade dos dirigentes brasileiros”, diz Petta.



Gustavo Petta

TV Record

recebe medalha por ter primeiro programa
apresentado por **negro**
no Brasil

“ Acredito que ainda há muitas ações que podem e devem ser realizadas para disponibilizar sempre mais espaço para o negro ”

“Nós, da TV Record, não temos medo de assumir nosso povo”. A declaração de Alexandre Raposo, presidente da TV Record ao receber a Medalha do Mérito Cívico foi aplaudida pelas mais de mil pessoas presentes ao evento de reflexão da data de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial no mundo, instituída pela ONU.

Segundo Raposo, a iniciativa da Rede Record em colocar Netinho de Paula para apresentar o Domingo da Gente [no momento em que ainda é raro ver um negro à frente de um

programa televisivo] é importante, mas ainda não é o suficiente. “Embora seja este um dos motivos pelo qual recebi esta medalha da Afrobras, acredito que ainda há muitas ações que podem e devem ser realizadas para disponibilizar sempre mais espaço para o negro. Também devemos combater a discriminação racial e denunciá-las, porque o nosso país é verde, amarelo, azul e branco, mas ele também é negro”, diz Raposo, lembrando que passou sua infância na periferia, convivendo com negros que, infelizmente não tiveram a mes-

ma oportunidade que ele de alcançar um posto como o de presidente de uma televisão que hoje é a segunda do país. “Sempre convivi naturalmente com negros e brancos e nunca os distingui, embora sempre percebesse que havia alguma coisa errada. Mas isto não me impediu de ter ótimos amigos, inclusive de conhecer neste meio, a mulher da minha vida, com quem estou casado há 12 anos”, disse o presidente da TV Record, emocionado.



Alexandre Raposo

Terceiro maior banco do mundo oferece 20 vagas para estudantes da Unipalmares

“ A iniciativa da Afrobras de atuar na área de educação e inclusão do afrodescendente é bastante positiva, por isso é vista pelo HSBC de forma evidente, séria e tem o total apoio da instituição ”

O terceiro maior banco do mundo, o HSBC, é um dos novos apoiadores dos estudantes da Unipalmares, que poderão disputar as 20 vagas abertas para estágio. O convênio foi firmado durante a cerimônia de 21 de março, na entrega da Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro, outorgada pela Afrobras.

O presidente da matriz brasileira do HSBC e da Associação Brasileira de Bancos Internacionais (ABBI), Emílio Alonso, conta que o banco, presente em 76 países, com mais de 110 milhões de clientes e 284 mil funcio-

nários, preocupa-se com a integração dos povos de todas as raças e crenças. “Justamente pelo fato de atuarmos na África, Europa, Ásia, América do Sul, América do Norte e Central, a filosofia do banco é contra a discriminação e, no Brasil, não poderia ser diferente.”

Para ele, “a iniciativa da Afrobras de atuar na área de educação e inclusão do afrodescendente é bastante positiva, por isso é vista pelo HSBC de forma evidente, séria e tem o total apoio da instituição.”

Apesar de apoiar ações como a da

Afrobras, Alonso reconhece que no HSBC, onde foi registrado em 2005 o maior lucro da sua história no Brasil, com R\$ 850,2 milhões, ainda é pequena a participação de funcionários negros. “Infelizmente, é a realidade”, sentencia. Contudo, não deixa de esconder o entusiasmo ao ser condecorado com a medalha. “É uma honra para nós recebermos essa homenagem que serve de símbolo para que outras grandes empresas despertem e abracem a causa”, reconhece.



Emilson Alonso

Presidente da TV da Gente se emociona ao receber a Medalha

“ Receber a medalha foi motivo de alegria diante de tantas dificuldades pelas quais passei e ainda vejo os negros serem submetidos ”

“Tenho orgulho em receber esta medalha da Afrobras por também ter presenciado a luta do meu amigo José Vicente, no início da organização, que é um forte representante da raça negra.” Com estas palavras, o cantor, apresentador e presidente da TV da Gente, Netinho de Paula, fez seu discurso emocionado ao receber a Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro.

Há mais de cinco anos à frente do programa “Domingo da Gente”, na TV Record, ininterruptamente e sendo o primeiro negro a apresentar um programa de televisão em nível nacional. “Receber a medalha foi motivo de alegria diante de tantas dificuldades pelas quais passei e ainda vejo os negros serem submetidos”, declarou Netinho.

Na ocasião o cantor se disse “impre-

sionado” pelo fato do evento organizado pela Afrobras, contar com as presenças de tantas personalidades que trabalham pela inclusão social e, em especial, pela inserção do negro na educação e no mercado de trabalho. “Quero aprender com a Afrobras a agregar parceiros tão diferentes, mas que têm o mesmo ideal, ou seja, uma sociedade mais justa para todos, incluindo a nós, negros.”



Netinho de Paula

Principal grupo financeiro da Espanha e América Latina oferece 20 vagas de estágio para Unipalmares

“É preciso que as pessoas tomem consciência de que primeiro, há discriminação e, segundo, é preciso ser contra ela”

O quarto maior banco privado por ativos totais do país, o Santander Banespa, representado pelo vice-presidente, Miguel Jorge, também participa da rede de instituições financeiras que passam a dar valor à importância ao trabalho da Unipalmares. “Assumimos um compromisso público de 20 vagas no Banco Santander Banespa”, revelou Jorge.

Para ele, condecorado na data, o dia 21 de Março é um marco para lutar contra a discriminação, mas “é preciso que as pessoas tomem consciência de que primeiro, há discriminação e, segundo, é preciso ser contra ela”, explica.

O vice-presidente do Santander Banespa, formado pelos bancos Santander Brasil, Santander S. A., Santander Meridional e Banespa, acredita que é fundamental que o negro esteja inserido na sociedade, no comércio ou nas indústrias, mas ressaltou que isso não ocorre no Brasil. “As empresas líderes nos seus mercados também devem empurrar a sociedade para que se abram oportunidades com negros, mulheres, deficientes, para caminhar para uma sociedade justa.”

Além da diversidade racial, a sexual, conta Jorge, também faz parte de uma política mundial do Santander, o principal grupo financeiro da Es-

panha e América Latina, um dos dez principais bancos do mundo, com 60 milhões de clientes em mais de 40 países. “Na maioria das grandes empresas, especialmente no Brasil, o número de mulheres gerentes e diretoras é pequeno. Faço até uma crítica à própria comissão executiva do banco, que dentre 15 pessoas, há apenas uma mulher.”

Tanto o negro quanto o deficiente têm menos oportunidade de ir à escola, o que “cria uma dificuldade de inserção, que deve ser extinta através de apoio e supervisão qualificada”, ressalta Miguel Jorge.



Miguel Jorge

Mulher, negra e vitoriosa

“ A vida da mulher negra é difícil, pois sabemos dos preconceitos pelos quais ela passa, o de gênero e o de raça. Representá-las com esta medalha é uma honra ”

De rainha da bateria da escola de samba paulistana Vai Vai, a rainha do Carnaval de São Paulo, até chegar ao papel de mãe da histórica personagem “Escrava Isaura” na novela apresentada pela TV Record no Brasil e em vários outros países, principalmente alguns da África, Valquíria Ribeiro teve que domar muitos leões.

“A vida da mulher negra é difícil, pois sabemos dos preconceitos pelos quais ela passa, o de gênero e o de

raça. Representá-las com esta medalha é uma honra”, diz emocionada a atriz a falar da importância de receber a medalha, avaliada como honrosa, por Valquíria Ribeiro.

A atriz, que sempre procurou mostrar aos dirigentes do Carnaval que a mulher “é mais do que beleza e corpo”, desenvolve há muito tempo, um trabalho de conscientização do real papel da mulher na comunidade car-

navalesca, procurando mostrar que a negra também tem capacidade intelectual para atuar em áreas diversas como a branca. “Com isso consegui chegar onde estou, com um ótimo contrato na segunda rede de televisão do Brasil e procurarei desempenhar sempre o meu trabalho da melhor forma para que as meninas negras percebam que sempre podemos realizar nossos sonhos e chegar lá.”



Valquíria Ribeiro

Unipalmares pode ser a melhor semente plantada em solo paulista nos últimos tempos, diz Alckmin

Durante a outorga da Medalha, Alckmin assinou a criação
da Delegacia Especial Contra a Discriminação Racial

Geraldo Alckmin, ainda na condição de Governador de São Paulo, outorgado com a Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro no Grau Chanceler, mais alto nível desta premiação, aproveitou a ocasião para mostrar o seu apreço e admiração pela Unipalmares. “Se dissessem há alguns anos que São Paulo teria uma universidade que é de todos, homenageia o maior brasileiro que é Zumbi dos Palmares e os quilombos e que acredita na educação como inclusão social, poucos acreditariam”, exalta. Alckmin acredita que a Unipalmares pode ser a melhor semente plantada em solo paulista nos últimos tempos. “Ela vai dar frutos durante anos pela

formação universitária e também pela oportunidade das vagas no mercado de trabalho”, diz, aprovando a atitude dos bancos de criarem programas de diversidade racial em parceria com a Unipalmares, que ilustra ser uma nova avenida, que segue para um novo mundo de esperança. “Esse é o Brasil, que sempre foi, terra de oportunidades e precisa voltar a ser, onde as pessoas que querem trabalhar possam trabalhar, que querem produzir possam produzir”, enfatiza.

De acordo com Alckmin, ter recebido a comenda de Chanceler da Afrobras foi emocionante. “Queria que meu pai estivesse vivo para que ele visse este ato generoso de outorgar a honra,

a distinção, de receber esta comenda de Chanceler da Unipalmares, que é a mais importante do nosso estado e exemplo para todo o Brasil.”

Sobre a implementação de ações afirmativas nas universidades estaduais paulistas, o então governador e agora candidato à Presidência da República pelo PSDB, diz-se isento de autonomia para mudanças. “Na Unicamp fizemos as ações afirmativas. Ainda lutamos junto à USP e à Unesp”, diz. Contudo, acredita que na USP o progresso já ocorre. “A USP tem a primeira reitora, depois de 71 anos de fundação. O machismo já foi rompido, o próximo passo é inserir a ação afirmativa para afrodescendentes”, visualiza.

Geraldo Alckmin



Geraldo Alckmin

“ Com uma canção
também se luta, irmão ,”

“ Espero ainda receber outros prêmios, mas com certeza,
este é um dos que me orgulham e lembrarei sempre,
pois é o reconhecimento do meu trabalho perante a raça negra,
representada aqui, pela Afrobras ,”

“Se sou negro de cor, meu irmão de minha cor, o que eu te peço é luta sim, luta mais, que a luta está no fim, cada negro que for, mais um negro virá, para lutar com sangue ou não, com uma canção também se luta, irmão (...)”.

Foi com a música “Tributo a Martin Luther King”, escrita pelo pai, Wilson Simonal e Ronaldo Bôscoli, que

o cantor Wilson Simoninha agradeceu a outorga da medalha concedida pela Afrobras. “Espero ainda receber outros prêmios, mas com certeza, este é um dos que me orgulham e lembrarei sempre, pois é o reconhecimento do meu trabalho perante a raça negra, representada aqui, pela Afrobras.”

“O papel que desempenho é o de

representar o artista negro e isto tem me deixado, ao longo da minha carreira, totalmente realizado”, disse o cantor ao ser abraçado pelo presidente da Afrobras, José Vicente, que lembrou aos presentes ter sido Simoninha, o responsável pela bela produção musical do Troféu Raça Negra 2005.



Wilson Simoninha

Banco Itaú

investe na capacitação de afrodescendentes e estimula a diversidade

*No dia 21 de março, banco anunciou a contratação de
mais 20 alunos da Unipalmares*

*Por: Fernando Perez, vice-presidente de
Recursos Humanos do Itaú*

O Banco Itaú tem no coração de sua estratégia corporativa a responsabilidade social e, por isso, mantém uma série de programas que ampliam o acesso à cultura e contribuem para a educação de qualidade, colaborando com o processo de participação social e promovendo o desenvolvimento de novas gerações.

Investindo cada vez mais na sustentabilidade, na manutenção e no fortalecimento da sua imagem como empresa cidadã, o Itaú possui um sólido Programa de Diversidade Corporativa. Este Programa tem como

alicerce valores éticos fundamentais, os quais direcionam o relacionamento do Banco com seus profissionais, com seus clientes, investidores e com a sociedade em que está inserido. Por meio da observação da ética e do respeito às leis, da vocação para o desenvolvimento, da solução racional de problemas e do respeito ao ser humano, o Itaú busca a construção de uma realidade democrática e com oportunidades iguais.

Em 2005, por intermédio de um pioneiro contrato com a Unipalmares e com a ONG Afrobras, o Itaú lançou

o Programa de Capacitação de Afrodescendentes, que almeja a inclusão e o desenvolvimento pessoal e profissional de estudantes afrodescendentes.

O Itaú selecionou 21 alunos do curso de administração de empresas da Unipalmares e os contratou como estagiários, dando-lhes a oportunidade de trabalho em uma grande instituição financeira. Além disso, os profissionais realizam, ao longo de três anos de estágio, um completo curso de extensão universitária ministrado pelo CPDEC – Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Educação Conti-



Fernando Perez

nuada da Unicamp. A primeira turma de afrodescendentes está em fase de finalização do primeiro ano de estágio, totalizando 360 horas de treinamento, o que lhes conferirá o certificado de Formação de Executivo Financeiro Júnior, emitido pela Unicamp.

Esta valiosa ação afirmativa promovida pelo Itaú demonstra a constante preocupação da organização com a inclusão social e econômica, além de dignificar o valor do afrodescendente em nossa sociedade. Um ano após o lançamento do Programa de Capacitação de Afrodescendentes, o Itaú já percebe significativos resultados trazidos pela sua iniciativa. Entre os ganhos desta ação estão:

Atração e retenção de talentos

Ao oferecer oportunidades de trabalho a todos, o Banco Itaú atrai e retem talentos que se identificam com tais práticas e podem ampliar seu conhecimento, atuando em um ambiente que, por meio do respeito e da valorização das diferenças, estimula a inovação e a criatividade.

Melhoria do padrão das relações com colaboradores

A atuação profissional em um ambiente como o do Itaú – em que

ocorre a justa competitividade diante das diferenças – é estimulada de forma a favorecer o aprendizado e o trabalho em equipe. Esta situação promove a melhoria constante na relação entre a organização e todos os seus colaboradores.

Melhoria das relações com a comunidade externa

A inclusão das minorias por meio da geração de oportunidades profissionais é uma importante forma de melhoria da relação com a comunidade. Estes profissionais serão porta-vozes da organização, divulgando as práticas de diversidade e os valores do Itaú com os quais convivem no dia-a-dia.

Fortalecimento da Marca

O Programa de Capacitação de Afrodescendentes, parte integrante do Programa de Diversidade Corporativa, proporciona valorização da marca e solidificação da imagem do Itaú como empresa socialmente responsável e cidadã. Consumidores e investidores aprovam e valorizam ações afirmativas e iniciativas privadas em prol da construção de uma realidade social mais justa.

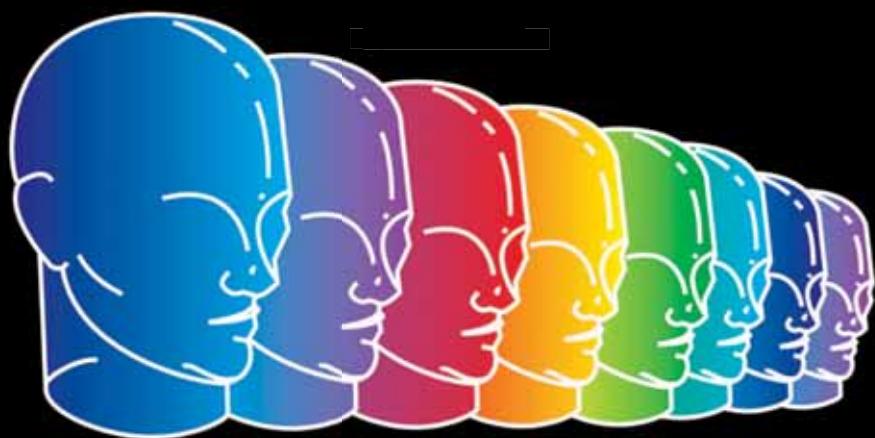
Crescimento de receitas e acesso ao mercado

A diversidade corporativa é vista como questão estratégica para o Banco Itaú. Ela aprimora a criatividade e estimula a inovação, criando sinergia nas equipes de trabalho, fortalecendo o desempenho geral da organização e resultando no aprimoramento dos serviços prestados e, consequentemente, em vantagens competitivas frente à concorrência.

Economia de custos e produtividade

Em uma organização onde o tema é tratado com respeito e comprometimento, o colaborador percebe que há espaço para expressar suas idéias, sentindo-se parte da equipe. Com isso, torna-se mais participativo, tendo maior identificação com o trabalho e gerando melhores resultados.

Além destes ganhos, o Itaú pode se beneficiar da certeza de colaborar com um melhor amanhã, praticando ações fundamentais ao desenvolvimento de nossa sociedade e a sua perenidade.



OBJETIVO

AS MELHORES CABEÇAS

UNIFESP

MEDICINA

1º lugar

Caroline Coronado Cha

2º lugar

Carolina Malhone

POLI-USP

ENGENHARIA

1º lugar

Allison Massao Hirata

2º lugar

Rafael Daigo Hirama

3º lugar

Emil Yoshigae Nakao

4º lugar

Raphael de Oliveira Fanti

IME

1º lugar

Rafael Daigo Hirama
(Primeiro classificação oficial)

ITA

**Na cidade
de São Paulo,
dos
26 aprovados
11 são do
OBJETIVO!**

FGV

ECONOMIA - SP

1º lugar

André Duarte Soares Simões

2º lugar

Caio Etsuo Sagae

ADMINISTRAÇÃO - RJ

1º lugar

Dante Oliveira Curatola

4º lugar

Ricardo Luis Pereira de Lima

7º lugar

Maria Fernanda Barbosa

ADMINISTRAÇÃO - SP

2º lugar

Pedro Henrique da Cruz Matias

6º lugar

Rafael Daigo Hirama

5º lugar

Rafael Bovi Ambrosano

OS VESTIBULARES 2005 TAMBÉM CONFIRMAM:

283 primeiros lugares
em São Paulo (Capital e Interior)

E MAIS:

Recorde de aprovações:

USP, UNICAMP, UNESP, UFSCar, UNIFESP, PUC, ITA, GV...

43 mil
em São Paulo (Capital e Interior)

Presidente da
profere

Nestlé

Aula Magna
para alunos da
Unipalmares

No dia 21 de março, no Memorial da América Latina, Ivan Zurita, presidente da Nestlé Brasil - o segundo maior mercado do Grupo Nestlé no mundo em volume de produção e o quinto em faturamento - ministrou uma Aula Magna para cerca de mil alunos da Unipalmares, onde foram dadas noções de gestão em âmbitos diferenciados, utilizados na empresa líder no setor alimentício.

Zurita, em entrevista à Afirmativa, assume a presença do negro brasileiro como respeitável e de intenso

valor. “A raça negra tem um papel importantíssimo na nossa cultura, música e história. A Nestlé teve famílias negras ajudando-a a construí-la.” Disse ainda que “é esperada que a participação de uma companhia desse tamanho [a Nestlé] em projetos sociais sirva de exemplo para outras colaborarem para elaboração de uma sociedade justa”.

O presidente da Nestlé, empresa mundial que opera em 86 países, no Brasil desde 1921, indica que a melhor maneira de ajudar um país

com programas sociais é através de investimentos. “O principal é gerar empregos, impostos e o bem social para todos”, comenta sobre a empresa que em 2004 gerou mais de R\$ 1,2 bilhão entre impostos, taxas e contribuições.

A rede de distribuição dos produtos da Nestlé Brasil, que emprega aproximadamente 16 mil colaboradores diretos e gera outros 220 mil empregos indiretos, cobre mais de 1.600 municípios e tem seus produtos em mais de 90% dos lares brasileiros.



Ivan Zurita

Unipalmares

recebe nova delegação

No período de 5 a 10 de março, a Unipalmares recebeu, pela segunda vez, a visita de uma comitiva formada por 15 pessoas, entre pesquisadores e alunos norte-americanos da Morehouse College – a primeira universidade negra dos EUA, fundada em 1867, em Atlanta, Geórgia –, Spelman College e Clark Atlanta University. O objetivo da visita foi conhecer de perto o trabalho desenvolvido dentro da Unipalmares.

Motivados por informações transmitidas pelos primeiros estudantes que visitaram a universidade em 2004, os jovens americanos pesquisaram e estudaram temas relacionados à negritude no Brasil, cerca de um ano e meio antes da visita.

Em reunião com a diretoria da Unipalmares, o diretor-executivo do Centro de Relações Internacionais da Morehouse College, Anthony Pinder, afirmou que vários convênios serão fechados entre as duas instituições. Entre eles, o intercâmbio de alunos nos dois países, a capacitação de professores, a criação de novos departamentos, como os das áreas

de esportes e de negócios, e também pesquisas sobre o negro – no Brasil e nos Estados Unidos.

Para o vice-presidente de Projetos Pedagógicos, Kevin Rome, um projeto como o da Zumbi, que visa a educação como forma de integrar a população negra na sociedade, é extremamente importante para o fortalecimento e crescimento das conquistas obtidas e é certeza de um ótimo resultado no futuro, pois foi exatamente o que ocorreu nos Estados Unidos. “Após essa visita, eu volto para casa mais inspirado para continuar a luta.”

Durante o encontro, a comitiva pôde assistir a uma apresentação das crianças do Projeto Guri Pólo Unipalmares, uma demonstração do grupo de samba-rock pela companhia “Negros Dançar” e fez um tour pela universidade, onde os estudantes norte-americanos puderam ter contato mais direto com os alunos da Zumbi. Em seu último dia útil no Brasil, a comitiva almoçou na casa de diretores e membros da Afrobras, e alunos da Unipalmares, como forma de iniciar um intercâmbio e para conhecer os hábitos das famílias brasileiras.

A estudante de Marketing da Clark





Pesquisadores e alunos de Atlanta

Atlanta University, Tiffany Chambers, se emocionou ao narrar as sensações que teve durante sua estada no Brasil. Em meio a lágrimas, Tiffany declarou que mesmo tendo estudado sobre as dificuldades da população negra no país, só ao chegar ao Brasil viu que a situação era mais complicada do que ela podia supor. “Não imaginava o quanto era profunda a situação no Brasil; jamais pensei que pudesse aprender tanto com essa

troca de experiências”, declara a estudante.

Para o estudante de Relações Internacionais da Morehouse, Morgan Williams, a visita a Zumbi foi importante para aprofundar, não apenas as relações entre as universidades, mas também para criar uma integração entre os povos negros dos dois países. “Essa parceria entre a Zumbi dos Palmares, Clark, Spelman e Morehouse vem justamente quebrar essa

barreira entre os povos negros que foi criada pela diáspora.”

Única representante da delegação que esteve presente nas duas visitas da Morehouse à Zumbi, a estudante de Relações Públicas, Mecca Moore, afirma que pôde perceber o crescimento ocorrido na Unipalmares nesses dois anos. “Foi tocante ver como a Zumbi está maior e melhor hoje do que estava em minha outra visita.”

R

epresentantes da
Plataforma Global de Diversidade
conhecem projeto da **Unipalmares**

A Unipalmares foi palco, como em outras ocasiões, de encontro internacional. A Plataforma Global de Diversidade, do Banco ABN Amro Real, trouxe 20 representantes que dela participam no Brasil, Holanda, Estados Unidos, Austrália e Reino Unido.

No auditório da universidade, os visitantes ouviram o Coral Unipalmares, assistiram atentos, em vídeo institucional, dados de pesquisas que mostram a real situação do negro no Brasil e, logo após, conheceram as instalações da universidade.

A dedicação dos professores e alunos, e da coordenação da Unipalmares é o diferencial apontado pela líder global da Plataforma Global de Diversidade, Ellen Simmons. “Os esforços pela educação de alto nível e os alunos que não aceitam o ‘não’ como resposta é o que nos faz crer em sucesso e perceber a diferença perante outras instituições que não têm a diversidade como objetivo.”

A Plataforma Global de Diversidade tem a finalidade de trocar informações sobre inclusão e diversidade em encontros pelo mundo, que ocorrem a cada quatro meses. “A Plataforma deste ano foi a primeira no Brasil e, portanto, a que deu noção da nossa realidade”, diz a superintendente de RH do Banco ABN Amro Real e representante brasileira da Plataforma, Maria Cristina Carvalho.

Maria Cristina informou que o Banco ABN Amro Real e a Unipalmares assinaram, em 21 de março, convênio onde alunos participam de programas de estágio. A Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares é digna de ser enaltecida, segundo Maria Cristina. “Parabéns à Zumbi que tem a chave do processo de mudança no Brasil, que é a educação”, conclui.



Integrantes da Plataforma Global de Diversidade em visita a Unipalmares

Unipalmares, Fundação Roberto Marinho e Canal Futura juntos no projeto A Cor da Cultura



*Participantes do Projeto
A Cor da Cultura na
Unipalmares*

No período de 13 a 21 de março a Unipalmares cedeu espaço para capacitadores do projeto “A cor da Cultura”, da Fundação Roberto Marinho. Com o objetivo de habilitar professores de escolas municipais da grande São Paulo e de Campinas para a real implementação da Lei 10639, que inclui no currículo oficial da rede de ensino no Brasil a temática História e Cultura Afro-brasileira, o projeto trouxe para os corredores da universidade as cores e a diversidade presentes

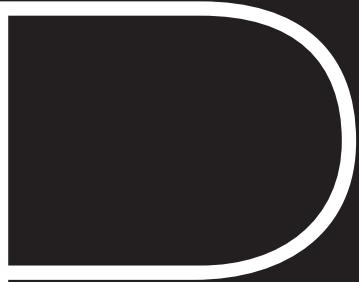
nos kits educacionais que compõe o programa. Foram treinados cerca de 400 professores.

Os kits compostos por cd's, fitas de vídeo, livros e jogos interativos foram analisados pelo Ministério da Educação e seguem a mesma linha da série de 56 programas produzidos pela Fundação e exibidos no Canal Futura.

Distribuídos para as escolas participantes, o material será usado pelo professor treinado na capacitação

de outras pessoas em sua região, formando uma rede social de multiplicadores.

Para uma das coordenadoras da equipe de capacitação do projeto em São Paulo, Ana Amélia Melo, o mais importante em um projeto como esse é sensibilizar as pessoas que estão sendo capacitadas para que tudo que ele aprendeu e o material que recebeu no kit não fiquem guardados dentro da gaveta, mas saiam e façam a diferença na sociedade.



primeira colocada da no vestibular Unipalmares

A garçonete Liliane Andrade, ex-aluna do cursinho comunitário pré-vestibular da Afrobras – Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, foi a primeira da lista dos aprovados do vestibular 2006 da Unipalmares, após idealizar a Faculdade de Administração da Zumbi como meta para os estudos.

Para Liliane, 19, o aspecto que determinou a escolha pela Zumbi foi a qualidade dos professores do cursinho. “Conclui que, de acordo com o nível dos professores, a faculdade também seria boa”, conta. E agora, durante o curso que foi iniciado em 1º de fevereiro, a estudante se diz realizada, pois “o conteúdo das matérias não é o único compromisso firmado pelos professores. Eles lidam também com o todo de cada um, com o ser humano”, diz.

Liliane conheceu o cursinho, a Unipalmares e os projetos da Afrobras através da indicação do diretor SP-1, do Banco

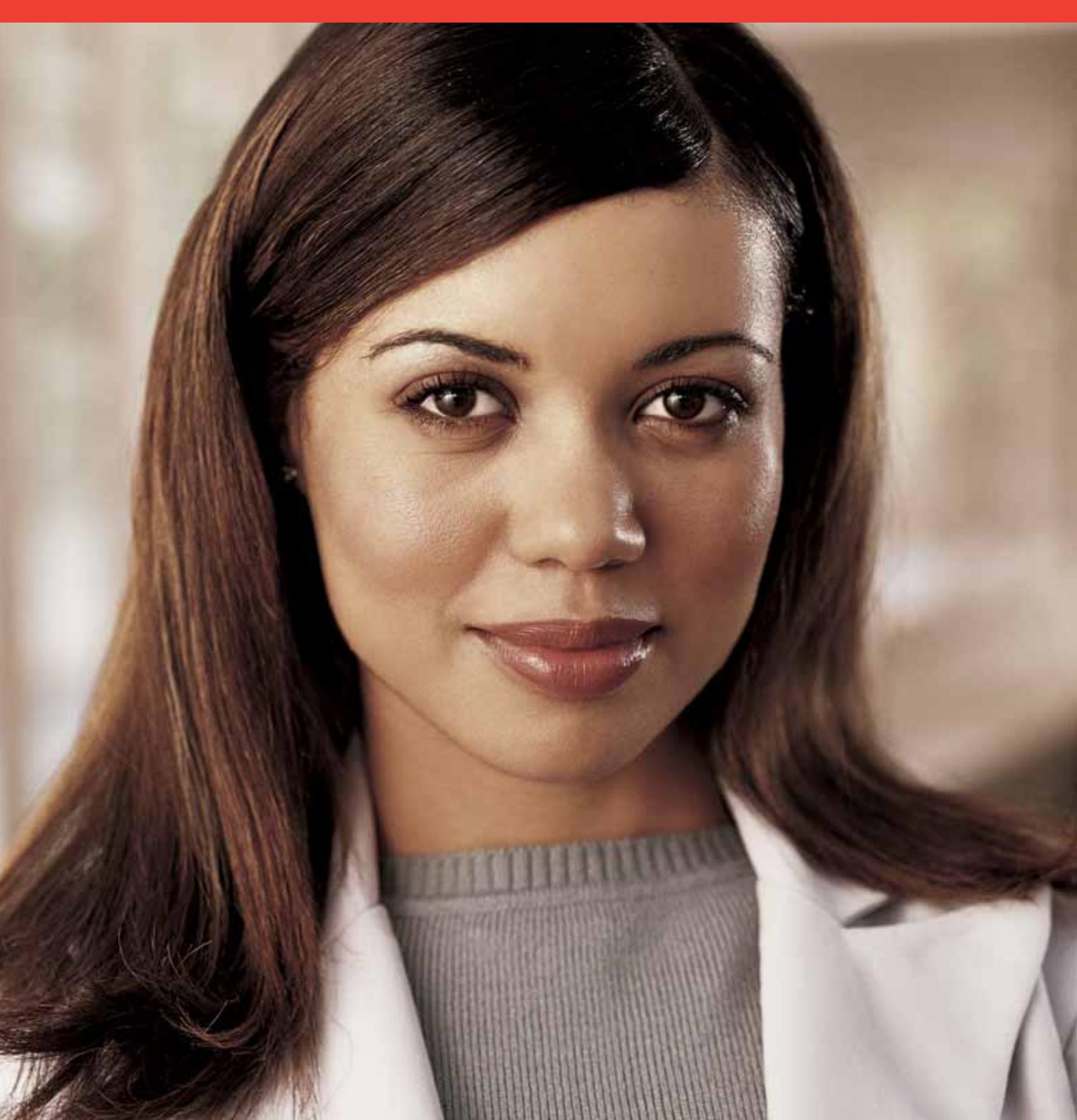
HSBC, Edison Dias, cliente da lanchonete na qual trabalha. “Ele perguntou se eu estudava, o porquê de não estar na universidade, se já havia acabado o ensino médio, e fui clara, contei que não estudava até então, por falta de condições financeiras”, explica.

Moradora da favela do Real Parque, na região do Morumbi (zona sul de São Paulo), mãe faxineira, pai pintor, tem dois irmãos que concluíram o Ensino Médio, mas que não ingressaram no Ensino Superior por falta de condições financeiras.

Apesar do tempo escasso e a dificuldade comum entre os alunos da Unipalmares para conciliar trabalho e estudo, Liliane está disposta a batalhar pelo término da faculdade. “Espero sair bem do curso, melhor ainda do que entrei, de cabeça erguida pela minha etnia e com conteúdos diversos, alcançados com a ajuda da Unipalmares.”



Liliane Andrade



Todo mundo sabe como é um bom relacionamento. É aquele que é para a vida toda, todos os dias. Como o relacionamento que o Banespa tem com os seus clientes. Oferecendo as mais variadas opções de investimentos, poupança, planos de previdência e o atendimento mais completo. Venha construir você também um relacionamento com o Banespa.

3 | R\$
4

educação

MCCANN

e centavos acima

ou à sua ordem

de

de

ELAINE CRISTINA C. ALVES
AMIGA DESDE 2001

2.61

banespa



Banespa e você. Uma relação de confiança.

Santander Banespa

Mulheres de Raça

*Daniela Gomes
Da Redação*

Certa vez, o poeta cantou sobre uma certa Maria que possuía o dom de amar, de contagiar aqueles que estavam ao seu redor e contaminar a todos positivamente com a força e a energia que havia dentro dela. Pode-se entender que a canção intitulada Maria, Maria, cantada com todo o talento e paixão de Mílton Nascimento, não relata especificamente a vida de uma Maria, mas de tantas outras mulheres que apenas pelo fato de levantarem todos os dias pela manhã e enfrentarem jornadas duplas ou triplas já demonstram a força, a graça e o poder que possuem.

No dia 8 de março comemorou-se o Dia Internacional da Mulher, lembrando as que lutam em grande parte pela ordem e harmonia em seu lar, mas que também lutam outras batalhas, nem sempre justas e das quais nem sempre saem vitoriosas.

A data foi instituída em 1911, durante a II Conferência Internacional de Mulheres (Dinamarca), em homenagem às 129 tecelãs da Fábrica de Tecidos Cotton. Estas operárias, enquanto conduziam a primeira

greve norte-americana feita por mulheres, reivindicavam uma redução na jornada de trabalho e foram violentamente reprimidas pela polícia. Acuadas, refugiaram-se nas dependências da fábrica que teve as portas fechadas pelos patrões e pela polícia e, em seguida, incendiada. Asfixiadas, dentro de um local em chamas, as tecelãs morreram carbonizadas.

Não fizeram isso com o intuito de se tornar heroínas, mas apenas de lutar por justiça e igualdade em seu local de trabalho e pagaram com suas vidas o preço de seu ideal.

Mas a luta de mulheres por uma sociedade mais justa não se findou naquele oito de março. Ainda são muitas as “Marias” que riem quando deveriam chorar e que não vivem, apenas agüentam o peso dos problemas do dia-a-dia.

E se a luta de mais de três bilhões de mulheres ao redor do mundo não é fácil, a das mulheres negras é ainda mais difícil, já que têm de guerrear contra o preconceito de gênero e o racial.

No Brasil, 30% das mulheres negras estão no mercado de trabalho como empregadas domésticas, ainda ganham 58% menos do que os homens brancos e têm uma renda mensal aproximada de apenas R\$ 280,00, mesmo que na maior parte do tempo elas sejam as provedoras de seus lares.

Mulheres negras têm expectativa de vida menor, apresentam mais casos de hipertensão arterial severa e quase a metade nunca passou por um exame preventivo de mama.

São heroínas invisíveis que muitas vezes têm sua batalha ofuscada pelo

“ “ *Mas é preciso ter força,
é preciso ter raça, ter gana sempre...* ” ”

cotidiano, mas é importante que todos saibam que essa é uma situação que pode ser mudada. E algumas mulheres provaram e ainda provam isso no decorrer de suas vidas.

Em homenagem a estas tantas “Marias” espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, esta edição da Revista Afirmitativa traz símbolos que transformaram as próprias vidas em mensagens e batalhas igualitárias, deixando marcas pela história, legados de lutas e caminhos abertos à humanidade.

Alzira Rufino

Mulher negra tem história

Quando era mais jovem e vendia doces nas filas da balsa, Alzira Rufino com certeza não pensava que suas aspirações pudessem levá-la tão longe. Inspirada na luta de seu ídolo na militância, a antropóloga Lélia Gonzáles, Alzira no decorrer da vida tornou-se enfermeira, ialorixá, presidente da Casa de Cultura da Mulher Negra e editora-chefia da revista Eparrei.

O esforço e a dedicação de Alzira, na luta pelo direito de nossas mulheres, foi merecidamente reconhecido ao ter o nome indicado em 2005 para o prêmio Mil Mulheres para o Nobel da Paz.

“Foi uma surpresa ter sido indicada ao prêmio. Eu acho que foi por toda

essa história com mais de 20 anos de batalha que eu tenho, ou melhor, a gente já nasce fazendo o trabalho de mulher negra”, declara Alzira.

Quando começou a envolver-se com as entidades feministas, surgiu uma outra preocupação. “Nós tínhamos entidades de mulheres, mas não de mulheres negras”. Quando, ao se reunirem em um encontro de mulheres para discutir a questão da mulher negra em 1985, as mesas eram compostas em sua maioria por mulheres brancas.

Em 1986, fundaram o Coletivo de Mulheres Negras na Baixada Santista. Na busca por um espaço maior, a organização se tornaria, em 1990, a Casa de Cultura da Mulher Negra, em Santos, que ajuda hoje mais de 400 mulheres vítimas de racismo, violência doméstica e violência sexual, através de acompanhamento psicológico e jurídico.

“Também preparamos as jovens negras para o mercado de trabalho, com carteira assinada, ensinamos desde dicas de como se vestir, até todo o preparo político e social para que as meninas e as mulheres negras tenham orgulho da sua identidade racial”, afirma Alzira.

Em seu trabalho como editora da Revista Eparrei, Alzira Rufino publica textos de qualidade que visam

mostrar para a sociedade que a mulher negra é forte e tem história e que são mais do que a imagem produzida pela mídia de sensualidade e nudez. “Não podemos hoje, que estamos num trabalho árduo da implementação da Lei 10.639, (que institui o ensino de História da África e História Afro-brasileira nas escolas) deixar



Alzira Rufino – Líder da Casa de Cultura da Mulher Negra em Santos

que o jovem assista afro-brasileiras nessa imagem da negra boa de cama, que continua sendo passada não só na TV, mas na mídia sonora e na mídia impressa. Nós devemos estar mais alertas para diminuir essa visão que é passada de nós, mulheres negras”, declara a editora.

Lélia Gonzáles

Axé Muntu

A expressão de saudação usada por Lélia Gonzáles constantemente, e

“ ...é o som, é a cor, é o suor,
é uma dose mais forte e lenta... ”

que aqui foi escolhida como título, foi criada por ela ao misturar dois dialetos africanos e criar uma expressão única e repleta de sentido.

Axé Muntu representa muito da própria cultura brasileira, a força, o poder e a energia do significado da palavra Ioruba Axé, somadas a gente, força humana, da origem Kimbundo de Muntu. E o que era Lélia senão uma “Pessoa cheia de energia, força e poder”?

Filha de pai negro e mãe indígena, Lélia de Almeida Gonzáles nasceu em 1935, tendo para recebê-la mais de dez irmãos e os pais trabalhando como ferroviário e empregada doméstica. Ainda criança, a pequena Lélia mudou-se de Minas Gerais para o Rio de Janeiro e é nessa cidade que ela começa a escrever o novo desfecho para sua história.

Formou-se em História e Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; ao longo da vida optou pelo mestrado em Comunicação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e depois pelo doutorado em Antropologia Social, pela Universidade de São Paulo (USP).

É uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado, IPCN (Instituto de Pesquisas das Culturas Negras) no Rio de Janeiro, e do Olodum na



Lélia Gonzalez – mulher negra com nome e sobrenome

Bahia. A pesquisadora escolheu temas durante toda a sua vida que fizeram transparecer sua luta pela igualdade na sociedade brasileira.

Através da publicação de artigos e livros, introduziu o pensamento da negritude brasileira nos meios acadêmicos e levou em primeira mão o debate sobre o racismo às universidades do país. Sua capacidade de conjunção de ideologias fez com que muitas vezes ela misturasse o Candomblé (religião a qual se dedicava) e a psicanálise, pensadores modernos como Malcolm X e os grandes filósofos gregos. Foi também uma das primeiras intelectuais

a traçar um paralelo entre a vida dos diferentes povos negros em todo o continente americano.

Contudo, ela sabia que a situação dos afrodescendentes era difícil, tinha plena convicção que, ao se tratar das mulheres negras brasileiras, a questão só piorava. Segundo pesquisas sobre a sua vida, um dos principais pensamentos de Lélia seria esse, expressado em 1984: “Fato da maior importância (comumente ‘esquecido’ pelo próprio Movimento Negro), era justamente o da atuação das mulheres negras que, ao que parece, antes mesmo da existência de organizações do Movimento de Mulheres, reuniam-se para discutir o seu cotidiano marcado, por um lado, pela discriminação racial e, por outro, pelo machismo, não só dos homens brancos, mas dos próprios negros... Nesse sentido, o feminismo negro possui sua diferença específica em face do ocidental: a da solidariedade, fundada numa experiência histórica comum.”

Com a consciência dessa dupla discriminação, Lélia resolveu dar voz também ao feminismo negro no Brasil e participou da criação do Nzinga Coletivo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, e da primeira composição do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher CNDM, de 1985 a 1989.

Mesmo que em 1994, aos 59 anos, seu coração tenha parado de bater ao sofrer um infarto, com certeza sua voz não se calou e Lélia continua transmitindo força e coragem para negros e negras no Brasil e no

exterior, através da ancestralidade que ela tanto preservou, presente nas histórias transmitidas de geração em geração.

Rosa Parks

A força do NÃO na luta pela igualdade

Montgomery, Alabama, 1955 – Após um dia cansativo de trabalho, uma jovem negra retorna para casa sentada em seu lugar no fundo do ônibus (o único que pela lei ela poderia ocupar) quando, de repente, se vê coagida a levantar e ceder seu lugar a um homem branco.

Aquela era uma época conturbada, onde a população negra ainda não havia conquistado seus direitos como cidadãos e ainda enfrentava o ódio causado pelo preconceito racial. As leis de segregação nos Estados Unidos, e principalmente no sul do país onde o racismo era mais forte, vigoravam a todo o vapor e poucos ainda ousavam desobedecer, já que muitas vezes o preço a pagar era a própria vida. Mas aquela jovem costureira resolveu dizer não e se recusou a ceder seu lugar para que outra pessoa sentasse apenas pela diferença em suas etnias. Essa jovem, que acreditou merecer sentar naquele lugar tanto quanto qualquer outra pessoa, se chamava Rosa Parks e a partir daí sua vida tomaria um novo rumo.

Após ser presa por desrespeitar as leis da segregação, Rosa foi o pivô de uma manifestação que acabou se tornando um fato histórico. A população negra de Montgomery, não con-

Diminuição



Rosa Parks – ícone dos direitos humanos

formada com a prisão da costureira, saiu em defesa da liberdade de Rosa e dos direitos de seu povo.

Liderados pelo jovem, e ainda desconhecido, pastor Martin Luther King Jr., os moradores deram início a um boicote às empresas de ônibus, passando a ir a pé ao trabalho. A mobilização da população, que já estava inconformada com a maneira como era tratada, foi tanta que o boicote que era para durar apenas um dia se estendeu por quase 400 dias.

Em entrevistas dadas posteriormente sobre sua recusa em se levantar, Rosa afirmou que naquele dia estava muito cansada, tanto fisicamente, quanto emocionalmente, após tantos anos de repressão e segregação. Símbolo da resistência contra a opressão, sua batalha teve reconhecimento

“ ...uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta...”

quando, em 1999, a ativista recebeu a maior homenagem que o governo americano outorga a civis – a Medalha de Ouro do Congresso.

Rosa Parks faleceu em outubro de 2005 mas, mesmo depois de sua morte, continuou quebrando regras, ao ser a primeira mulher a ser velada debaixo da cúpula do Capitólio, honra dada apenas a grandes nomes da história norte-americana, como Abraham Lincoln e John Kennedy.

Coretta King

A grande mulher atrás do grande homem

Diz o ditado que atrás de um grande homem existe sempre uma grande mulher. Talvez a história de Coretta King, esposa do líder Martin Luther King Jr., mostre que eles estavam lado a lado.

Coretta Scott nasceu em uma fazenda em Marion, no estado do Alabama (EUA). Seu pai era fazendeiro, comercializava madeira e o sucesso obtido por ele não deixava a população local muito contente.

Quando criança, Coretta viu sua casa e o comércio de seu pai serem incendiados por um grupo racista e se indignava com isto. “Todo sábado eu ficava sabendo que um homem negro havia sido espancado e nada fora feito



Coretta King – Transmitindo a mensagem da paz

em relação a isso.” Mas a indignação não fazia com que Coretta ou sua família perdessem a fé e a esperança em uma sociedade mais justa.

Coretta saiu de casa e foi cursar faculdade em Ohio, onde se formou em música e educação. Em seguida foi para Boston se aperfeiçoar em música e violino, no Conservatório de Música da Nova Inglaterra.

A vida na nova cidade trouxe uma agradável surpresa: encontrou ali um jovem doutorando em Teologia, que espelhava em grande parte os valores em que ela se baseava. O nome desse homem? Martin Luther King Jr.

Em 1953, Coretta Scott se casa com o dr. King e passa a aderir à causa do marido. Mas, mesmo casada, Coretta não abre mão de sua individualidade e demonstra isso ao exigir que fossem tiradas, de seus votos de casamento, as passagens que falavam sobre a obediência ao marido.

Uma das primeiras militâncias de seu marido é o boicote aos ônibus de

Montgomery após a prisão de Rosa Parks. Enquanto Luther King lutava contra a segregação e pela libertação da costureira, Coretta enfrentava o duro desafio de apoiar o marido em sua luta em favor da igualdade, criar os filhos e desempenhar as funções atribuídas às mulheres de pastor, como liderança de Escola Bíblica e aconselhamento de mulheres.

Em 1958, Coretta foi esfaqueada enquanto autografava um livro no Harlem. Em 1968, ela perdia o companheiro, não apenas de militância, mas de toda a sua vida. Com o assassinato de Martin Luther King Jr., Coretta demonstrou sua capacidade de tirar força de momentos de tristeza e de desespero.

“Já que a missão dele não havia terminado, senti que eu precisava me dedicar à finalização de sua obra”, afirmou em sua autobiografia “Minha vida com Martin Luther King Jr.” E assim ela fez. Sua luta a partir daí foi pela criação do Centro Martin Luther King Jr. Para a Mudança

“ ...Quem traz no corpo essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida...”

Social sem Violência, que moveu ações pela paz e contra a discriminação, não apenas nos Estados Unidos, mas também no mundo.

Demonstrou mais uma vez sua capacidade de ter fé na vida, ao se posicionar em favor da absolvição de James Earl Ray, suposto assassino de Martin Luther King Jr., afirmando a necessidade de se condenar não apenas o executor, mas também, e principalmente, os mandantes do crime. Participou de encontros históricos com vários líderes religiosos, entre eles Dalai Lama e Papa João Paulo II. Esteve presente na data do acordo de paz entre o primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin e o líder palestino Yasser Arafat. E como crítica que foi do regime do *apartheid* na África do Sul, esteve ao lado de Nelson Mandela quando ele se tornou presidente daquele país.

No decorrer de sua vida teve a oportunidade de ser a primeira mulher a discursar em Harvard e também

a primeira a pregar na Catedral de Saint-Paul, em Londres. Quando faleceu, no último dia 31 de janeiro, Coretta foi reverenciada por grandes chefes de Estado norte-americanos e recebeu, quase quarenta anos depois da morte de Luther King, honras que nunca foram dadas ao seu marido.

Winnie Mandela

A Mãe África

No dia 21 de março de 1960, mais de 20 mil sul-africanos protestavam contra a chamada Lei do Passe, que obrigava os negros a portar cartões de identificação que especificavam os locais onde eles podiam circular. O que era para ser uma manifestação pacífica, virou uma chacina, quando a polícia atirou contra os manifestantes, causando 69 mortes e 186 feridos.

O Massacre de Shaperville, como ficou conhecido o fato, foi a gota d'água para os membros do Congresso Nacional Africano, maior grupo organizado de oposição ao *apartheid*, que toma a resolução de abandonar a política de não violência que adotava até então. O principal líder do movimento, na época, era um jovem advogado chamado Nelson Mandela, que pouco tempo depois viria a ser preso e sentenciado à prisão perpétua.

Do lado de fora, Mandela deixou mais do que uma esposa, deixou sua companheira de militância, aquela que lhe daria suporte nos 27 anos que passou em Robben Island: ele deixou Winnie Mandela.

Mas nem a violência do *apartheid*, nem a prisão do marido calariam a



Winnie Mandela – A força da Mãe África

voz dessa que foi denominada a Mãe da Nação, ou Mãe África.

Nomzamo Winifred Madikizela, filha de uma professora de economia doméstica e de um funcionário público, Winnie perdeu a mãe quando tinha apenas oito anos.

Ao concluir seus estudos na escola local, Winnie foi para a escola Jan Hofmeyer, em Johanesburgo, onde estudou Serviço Social. Ao se formar, Winnie foi a primeira assistente social negra em seu país.

Mas, em meio a todas as limitações que assolavam os negros sul-africanos, a família de Winnie era privilegiada e ela nunca teve muita noção dos problemas que afligiam seu povo. Quando foi trabalhar no hospital Baragwanath, foi que ela se deu conta do abismo existente entre brancos e negros naquele país e resolveu lutar contra isso.

Enquanto atuava junto à juventude do Congresso Nacional Africano, conheceu aquele que seria seu companheiro de militância, o jovem advogado Nelson Mandela.

Após sua prisão, Winnie não ficou de mãos atadas, continuou sua luta e foi presa diversas vezes por afrontar o regime do *apartheid*. Foi condenada por terrorismo e levada à solitária por um ano e meio para ver se conseguiam calar sua voz, mas nem isso foi suficiente para fazê-la desistir.

Foi exilada em Brandfort por nove anos e, ao ter a casa bombardeada duas vezes, foi presa novamente por infringir o confinamento e voltar para Joanesburgo.

Em 1990, com a saída de Mandela da prisão, uma das batalhas de Winnie estava vencida, mas as agruras que enfrentaria ao longo da vida estavam longe de acabar.

Em 1992, o casamento de Winnie e Nelson não resiste ao convívio, após tantos anos de separação, e acaba. O divórcio comprovou que a luta de Winnie independia da de seu marido. As ações políticas que ela desenvolveu continuam firmes e ela ainda é vista como um grande força na África do Sul ■

Encontros femininos

Por: Maria Célia Malaquias - Mestre em Psicologia Social, Coordenadora do NAP-Núcleo de Apoio Psicológico da Unipalmares - mcmalaquias@uol.com.br

Estávamos no início do mês de março, quando comecei a pensar num tema para escrever este artigo. O calendário à minha frente apontava-me para o dia 8.

Logo, dou-me conta dessa data: "O Dia Internacional da Mulher"! Fico, por alguns instantes, pensando no significado deste dia... Logo vem em minhas lembranças uma frase que eu li há algum tempo: "só busca afirmação quem sente que precisa ser reconhecido". Não me lembro de quem é a autoria, mas fico intrigada e começo a fazer correlações entre a citada frase e "o Dia Internacional da Mulher". Será que nós, mulheres, precisamos nos auto-afirmar? Será que precisamos de reconhecimento? Mobilizada por uma série de questionamentos, sinto desejo de dizer algo para as mulheres. Assim, convido-as e, em especial convido as negras, e não negras, mulheres-meninas, mulheres-adolescentes, mulheres-jovens, mulheres-adultas, mulheres-casadas, mulheres-solteiras, mulheres-mães, mulheres-filhas, mulheres-esposas, mulheres-irmãs, mulheres-amigas,

mulheres-profissionais, mulheres-donas de casa, mulheres-avós, mulheres... simplesmente mulher, convidando-as a dedicar alguns instantes a debruçar o seu olhar para si mesma. Talvez, para algumas de nós seja estranho, "alguns instantes só pra mim?..." Estamos tão acostumadas a ter todo o tempo do mundo para o outro, principalmente quando acreditamos (e muitas vezes é fato), que o outro precisa muito de nós. E nunca sobra tempo para olharmos para nós, menos tempo ainda para cuidar de nós mesmas. Sempre estamos ocupadas, envolvidas com muitas coisas para cuidar.

Neste instante, lembro-me de outra frase: "O tempo é a gente quem faz". Pois é, parece-me que estamos faltando de opções para dirigir o meu olhar, o meu cuidar. Obviamente, que é nobre e necessário cuidar do outro, a humanidade carece de pessoas que se disponham a olhar e a se responsabilizar pelo coletivo, mas, é também, vital olhar e cuidar do próximo mais próximo que é você! Quem sabe, é o momento de você,



Maria Célia Malaquias

mulher, se dar, se olhar, se perceber, olhar para os seus olhos e resgatar a mulher – menina que está em você. Colocá-la no colo, aconchegá-la, pegar sua mão e levá-la para se enfeitar, torná-la ainda mais bonita. Levar esta menina-moça-mulher para passear. Descobrir ou redescobrir novos caminhos. Talvez agora seja o momento de você "cuidar do broto para que a vida lhe dê flores... frutos!". Feliz Dia Internacional da Mulher! ■

AS Mulheres da nova Palmares

Por: Cristina Jorge, Diretora da Unipalmares

Sempre fui avessa aos discursos sobre a emancipação feminina, talvez por estarem, na maioria das vezes, distanciados de uma prática verdadeiramente emancipadora.

Acredito, há muito tempo, que as relações sociais transformam-se a partir do cotidiano da sociedade e, só depois, devem constituir-se em objetos privilegiados para as discussões acadêmicas e jurídicas.

Na Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares é com base na realidade concreta de nossos corpos docente, discente e funcional que se pautam as reflexões sobre os temas inerentes à inclusão étnico-racial e de gênero. Estas reflexões norteiam as ações transformadoras a serem empreendidas. Note-se que a Unipalmares agrupa homens e mulheres diferentes entre si, inseridos em contextos sócio-econômico-culturais distintos. O eixo do trabalho que empreendemos é o respeito à diversidade. E esta diversidade não é apenas racial, é também de gênero, de idade, de origens, de cultura, de aspirações e muitas outras.

As práticas promotoras da inclusão que empreendemos basearam-se na observação da situação dos negros no mercado de trabalho. O levantamento dos dados iniciou-se de forma empírica, pela observação dos quadros funcionais

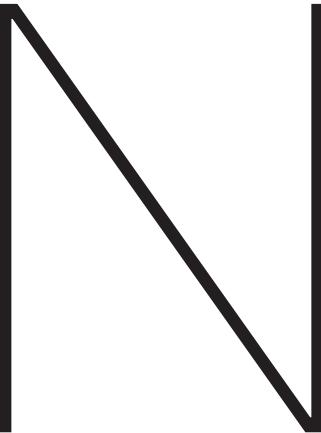
nas médias e grandes corporações: brancos em posições elevadas, enquanto os negros ocupam os postos mais baixos da hierarquia. E a presença da mulher negra? Quase invisível, pois as copas e cozinhas ainda não são expostas à visibilidade pública.

Mesmo no século XXI, esta ainda é a nossa realidade, comprovável nos dados estatísticos. Depois de muita reflexão e trabalho envolvendo segmentos de professores, alunos e funcionários, foi definida a estratégia para busca de parceiros corporativos para Programas Especiais de Estágios. Concomitantemente às parcerias, foram criadas oficinas de nivelamento em Língua Portuguesa, Matemática, Matemática Financeira, além de Inglês e Informática para preparar nossos alunos para o processo seletivo aos estágios. Ninguém ficou excluído da seleção. Não vejo melhor forma de comemorar



Cristina Jorge

as datas representativas de março do que esta: ser partícipe deste momento em que se criam novos ícones – Mulheres e Homens livres e capacitados para tomar em suas mãos seus próprios destinos. ■



Ossas heroínas na luta cotidiana pela superação

Por: Rosenildo Gomes Ferreira –
Jornalista da revista *Isto É Dinheiro*

A luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e a batalha contra a discriminação racial no Brasil têm dois grandes protagonistas: Martin Luther King Jr. e Abdias do Nascimento. Reconhecidos como personalidades de destaque em seus países de origem, eles inspiraram, com seu trabalho e suas idéias, gerações de brasileiros e americanos: negros, brancos, amarelos... Nascimento e Luther King Jr. são, sem dúvida, marechais de alto valor. Sabemos, no entanto, que até mesmo o mais brilhante dos marechais é incapaz de vencer sozinho qualquer guerra. Especialmente aquelas que exigem energia e disposição para travar diariamente o “bom combate”. E é exatamente neste mo-

mento que surge a força, a coragem e o brilho das mulheres. Em 1955, a costureira Rosa Parks negou-se a ceder seu lugar no ônibus para acomodar um cidadão branco, no Alabama (EUA). Um ato de insubordinação que poderia ter passado despercebido transformou-se no estopim da vitória na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos (EUA).

O Brasil, uma nação tão jovem como os EUA, também tem as suas Rosa Parks. Muitas estão na ribalta e são reconhecidas e admiradas. Outras tantas são anônimas. Mas nem por isso deixam de exercitar seu espírito transformador. Elas podem ser encontradas em grande quantidade em cada canto de nosso país. Vestidas de

doméstica, de cobradora de ônibus, de gari, lavando roupa à beira de um rio ou comandando intrincadas operações na Bolsa de Valores, lá estão elas brigando pelo sustento da família. A força dessas brasileiras é que faz, em grande medida, com que a economia do Brasil siga em frente. Segundo o IBGE, as mulheres estão à frente de 30% dos lares brasileiros. E a luta pelo ganha-pão não inclui apenas as árduas e às vezes extenuantes jornadas diárias. Tem ainda a frustração de saber que mesmo com tanta demonstração de competência e disposição, as mulheres continuam sendo vistas como “linhas-auxiliares” no mercado de trabalho. E como tal, têm um rendimento 30% menor que



Rosenildo Gomes Ferreira

a média dos homens. Mesmo tendo um nível de escolaridade maior (um ano a mais de estudo, na média) e ocupando a mesma função. E isso vale para desde aquelas que fazem faxina até as poucas que ocupam cargos executivos. No caso das mulheres negras, o quadro é ainda mais perverso. Em geral, elas ganham menos até mesmo que os homens negros que, sabidamente, ocupam a base da pirâmide salarial.

A simples constatação do problema, porém, não fará com que essa situação mude um milímetro sequer. É preciso uma verdadeira “operação guerra” para conseguir debelar (ou mesmo suavizar!) esse quadro de injustiça. A luta é árdua mas como humanista convicto que sou, tenho certeza que a vitória é certa. Principalmente se cada uma delas assumir sua porção Rosa Parks, colocar o dedo na cara da sociedade machista e disser: Basta! Somos competentes e queremos ver reconhecidos nossos valores e direitos em todos os níveis. Os livros de história registram que uma greve feita por mulheres já conseguiu até mesmo cessar a Guerra do Peloponeso, travada entre gregos e espartanos. E olha que naquela época nem aprender a ler lhes era permitido. Imagine o que é capaz de fazer essa moçada que já é maioria nos bancos escolares em quase todos os níveis!

Agenda Cultural

Uma seleção do melhor da programação de arte e cultura

Por: Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br)



Artes Visuais

"Carmen Miranda Para Sempre".



A Galeria Marta Traba, da Fundação Memorial da América Latina, apresenta a exposição "Carmen Miranda Para Sempre". Trata-se da maior e mais completa mostra já realizada sobre Maria do Carmo Miranda da Cunha, a mundialmente famosa Carmen Miranda. São 700 itens de acervos da família, de colecionadores e do Museu Carmen Miranda. Curadoria de Fabiano Canosa.

Onde: Galeria Marta Traba – Fundação Memorial da América Latina. Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664. **Quando:** De terça a domingo das 9h às 18h. **Entrada gratuita.** **Informações:** no site www.memorial.sp.gov.br, ou pelo telefone: (11) 3823-4600.

"Arte de Cuba".

A exposição "Arte de Cuba", no Centro Cultural Banco do Brasil, apresenta 117 obras do acervo do Museu Nacional de Belas Artes de Cuba e das coleções particulares dos próprios artistas. Trata-se de um amplo panorama da plástica cubana do século XX: o surgimento do movimento modernista, obras de artistas representantes das décadas de 60,

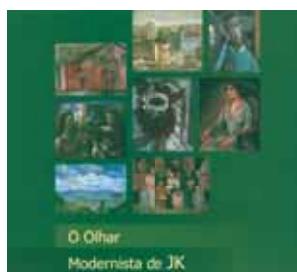


70 e 80 até a produção contemporânea atual. A mostra ocupa todo o espaço expositivo do CCBB-SP. Curadoria de Ania Rodríguez.

Onde: Centro Cultural Banco do Brasil.

Rua Álvares Penteado, 112. Centro. Próximo às estações Sé e São Bento do metrô. **Quando:** De terça a domingo das 10h às 21h. **Informações:** (11) 3113-3651/3652.

"O Olhar Modernista de JK"



O Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado (MAB-Faap) apresenta a exposição "O Olhar Modernista de JK". Com curadoria de Denise Mattar, a mostra está estruturada em quatro núcleos: "Arte Moderna 1944", "Pampulha, gênese da arquitetura moderna", "Sala Especial Marta Loutsch" e "Cronologia dos artistas" e revela, entre outros aspectos,

a atuação de JK no panorama cultural da capital mineira durante os anos em que exerceu o mandato de prefeito de Belo Horizonte (1940-1945). A exposição teve início em 2004, no Palácio Itamaraty em Brasília, em comemoração

ao sexagésimo aniversário da abertura da Exposição de Arte Moderna de 1944. Estão presentes obras de Volpi, Anita Malfatti, Burle Marx, Portinari, Di Cavalcanti, Djanira, Tarsila do Amaral, Victor Brecheret, Iberê Camargo, Lasar Segall, Alberto da Veiga Guignard.

Onde: Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP. Salão Cultural. Rua Alagoas, 903 – Higienópolis. **Quando:** De 11 de março a 23 de abril de 2006. Horário: de terça a sexta, das 10h às 20h. Sábados, domingos e feriados, das 13h às 17h. **Informações:** www.faap.com.br. Entrada gratuita.

"Odorico Tavares. Minha casa baiana"



A exposição "Odorico Tavares. Minha casa baiana", com curadoria de Emanoel Araújo, exibe 550 obras pertencentes à coleção particular do jornalista, poeta e colecionador pernambucano Odorico Tavares (1915-1980).

A mostra, dividida entre a Galeria de Arte do Sesi e o Museu Afro-Brasil, apresenta obras de Cândido Portinari, José Pancetti, Di Cavalcanti, dos espanhóis Pablo Picasso e Juan Miró, do japonês Manabu Mabe. Também integra a exposição conjunto de arte sacra e mobiliário dos séculos XVIII e XIX. O colecionador foi o braço direito de Assis Chateaubriand na Bahia no comando dos Diários Associados (grupos de empresas de comunicação).

Onde: Galeria de Arte do Sesi. Av. Paulista, 1313. Em frente à estação Trianon-Masp do metrô. **Quando:** Até 30 de abril de 2006. De terça a sábado, das 10h às 20h, e domingo das 10h às 19h.

Entrada gratuita. **Outras informações:** 3146-7405 e www.sesisp.org.br

Onde: Museu Afro-Brasil – Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega – Parque do Ibirapuera, s/nº. **Portão 10. Quando:**

Até 30 de abril de 2006. De terça a domingo, das 10h às 18h. **Informações:** 11 5579-0593. www.museuafrobrasil.prodam.sp.gov.br. Entrada gratuita.

Teatro

Tom Tim Tot

O Teatro Cultura Inglesa (Pinheiros) apresenta a peça "Tom Tim Tot", espetáculo com várias técnicas do teatro de imaginação que conta a história de uma camponesa casada com um rei que acredita que ela pode transformar tecidos velhos em tecidos de ouro. Com Rúbia Constantyner, Fernanda Vieira, Zé Mário, Bárbara Pelegrini e João Bresser. Direção e adaptação de roteiro: Marco Antonio Guerreiro.

Quando: De 4 de março a 7 de maio. Ingresso: R\$ 20. **Informações:** (11) 3814-4155.

Ciclo de Debates

Projeto Presidentes da América Latina



Evolução do Processo Democrático na América Latina

O projeto, que já contou com a presença dos ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso (Brasil) e Eduardo Duhalde (Argentina), tem como objetivo principal promover debate sobre o tema central "Reflexão do processo democrático na América Latina". Coordenação: Prof. Dr. Celso Lafer.

Onde: Fundação Memorial da América Latina.

Informações: Programação completa no site: www.memorial.sp.gov.br, ou pelo telefone: (11) 3823-4600.

R evivendo um passado de glórias

O passado escravocrata simplesmente apagou a negritude de grandes personalidades de nossa história. Chegou o momento de rasgarmos o véu que tem nos tornado invisíveis

A auto-estima da população negra no Brasil perdeu força com a falta de referências e ícones negros. Durante toda a história brasileira, deu-se margem ao pensamento de que a população afro-descendente não teria realizado nenhum feito memorável o bastante para aparecer no contexto histórico do país. Hoje, com o crescimento da luta em favor dos direitos da população negra, diversos personagens históricos tiveram sua negritude descoberta e com isso o surgimento de novos heróis se tornou possível. Segundo a professora da Unipalmares, Silvana Barbaric, esse desaparecimento ocorre porque a elite dominante da época

não conseguia explicar o que houve com os negros no momento pós-abolição. Então, simplesmente, eles são retirados da história. Para Silvana, que ensina História da Cultura do Negro no Brasil, esse é um segundo momento de violência cultural sofrida pelo negro brasileiro. “Eles [os negros] entram na história de modo violento, como escravos e, em um segundo momento, são arrancados da história após o processo de libertação.”

A idéia de mostrar alguns desses personagens surgiu a partir de uma conversa familiar, quando a maior parte das pessoas demonstrou surpresa e orgulho ao descobrir que dois endereços, que

servem como referência em uma cidade grande como São Paulo, tiveram seus nomes escolhidos em memória de grandes engenheiros, que contribuíram para o desenvolvimento do país e que eram negros, fato que constantemente é omitido.

Como recuperar a etnia desses personagens? Como resgatar heróis que foram arrancados da população negra? Como fazer a maior parte da população se ver refletida em grandes nomes da História do Brasil?

De acordo com Silvana, é necessário tirar o véu que foi jogado pelo preconceito. “Nós temos que colocar dentro da história todos os seus personagens e isso está começando; é um processo lento de inserção.”

Segundo a professora, a melhor maneira de inserir o negro no contexto histórico do país é um resgate feito através da educação. Para Silvana, essas informações estão represadas e com esse reconhecimento elas tendem a se liberar. “Quanto mais houver pessoas consciên-



Da esquerda para a direita: André Rebouças, Gonçalves Dias, João Cândido, José do Patrocínio, Lima Barreto, Luiz Gama, Machado de Assis

tes do seu papel histórico, mais referências afrodescendentes teremos na nossa sociedade.”

Mesmo com todo o doloroso processo sofrido pelo negro durante a história do país, a professora não acredita que esse resgate deva acontecer como uma eterna lamentação sobre o passado do negro, mas sim como uma força para seguir em frente. “Temos que interiorizar a condição de não ser mais escravo e passar pra frente; nada de cair na autocomiseração. É preciso ver os avanços que a gente está tendo e buscar ampliar este caminho. Esse é o grande desafio do nosso povo, hoje.”

Fazendo o caminho de volta...

“Na África, quando os homens negros se tornavam escravos, os portugueses faziam com que eles dessem sete voltas em uma árvore, que era chamada árvore do esquecimento, o que simbolizava que a partir dali ele teria um novo começo e se esqueceria de sua outra vida”. A história contada pela professora Silvana Barbaric serviu para ilustrar a importância do resgate histórico. “Quando a gente lembra do nosso passado, a gente vai fazer o caminho de volta, dando as sete voltas ao contrário.”

Com o objetivo de iniciar esse retorno, a *Revista Afirmativa Plural* traz o perfil de alguns ícones que escreveram seu nome na história do Brasil e que tiveram sua negritude arrancada do contexto histórico. Durante a pesquisa realizada, uma definição em comum apareceu na história de todas as personagens escolhidas: “vítima do preconceito”.

O primeiro nome que merece destaque durante a história do negro no Brasil é o do autor Machado de Assis. Fundador da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis foi jornalista, cronista, contista, dramaturgo, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta. Todas as biografias encontradas do escritor afirmam que ele era filho de pai mestiço, entre negro e português, fato que comprova sua afro-descendência. Junto ao autor, contamos com pelo



Silvana Barbaric e a redescoberta de ícones negros

menos outros três nomes da literatura brasileira que representam a comunidade negra. São eles: Gonçalves Dias, autor do poema “Canção do Exílio”; Cruz e Souza, poeta simbolista, considerado o principal responsável pelo surgimento do gênero no país; e Lima Barreto, autor do romance “Triste Fim de Policarpo Quaresma”. Todos eles tiveram suas vidas atingidas fortemente pelo preconceito racial, vivendo e morrendo, na maioria das vezes, à margem da sociedade.

Outra referência histórica importante é a luta do povo negro no processo abolicionista. Segundo a professora Silvana Barbaric, a busca por referências históricas sempre levou a personagens brancos e isso está mudando. “Hoje, nós estamos falando de um negro que lutou, não é um herói mítico, mas um herói no sentido de um homem que mudou o seu contexto histórico.”

Dentre grandes nomes citados no processo de luta pela abolição estão o do jornalista José do Patrocínio. Um dos principais líderes abolicionistas do país, Patrocínio publicou seus ideais em pelo menos três jornais e foi o fundador da Confederação dos Abolicionistas. Filho de uma escrava e de um padre, o líder não se calava frente às pressões da época.

Outro nome que é símbolo da resistência negra é o do advogado Luiz Gama. Ele, junto com outros líderes, foi o responsável pelo maior número de ações

de liberdade em favor da população negra. Orgulhoso ao dizer que era filho da escrava Luiza Mahin, Luiz Gama se movimentava com facilidade entre as diferentes classes sociais da época.

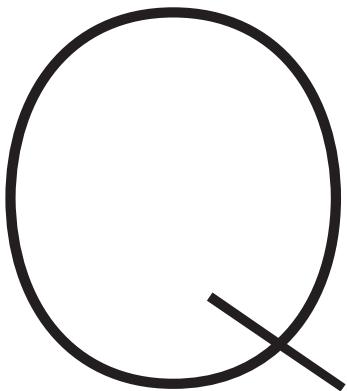
Um outro tipo de resistência que também merece destaque é a do “Almirante Negro” João Cândido e da escrava Luiza Mahin. João Cândido entrou para a história ao liderar um grupo de marinheiros revoltos, no encouraçado Minas Gerais. Cansados dos maus-tratos sofridos pelos marujos, em 1910, Cândido é o principal líder da Revolta das Chibatas. Sua luta resultou em prisão e expulsão da Marinha, mas, graças a ele, a chibata nunca mais foi usada.

Luiza Mahin foi uma das principais líderes da Revolta dos Malês, ocorrida na Bahia, em 1835. Luiza desde cedo demonstrou sua força ao se recusar a praticar a fé cristã. Segundo informações recolhidas na web, sua casa foi quartel-general de grande parte dos negros revoltos da Bahia.

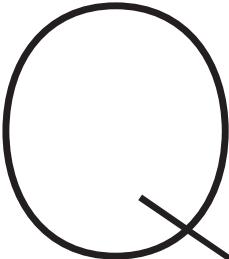
Motivação para a criação dessa matéria, dois dos principais endereços da maior cidade do país são em homenagem a personagens negros. A rua Teodoro Sampaio e a avenida Rebouças, em São Paulo, foram assim batizadas em homenagem a engenheiros de grande prestígio e importância para o contexto histórico do país. Teodoro Sampaio era engenheiro e organizou a Escola Politécnica da USP, e outros trabalhos de grande importância para a construção da cidade paulista.

Os irmãos Rebouças foram responsáveis pela idealização de grande parte da malha ferroviária do país e pela idealização e produção de livros e documentos que mostram a necessidade de mudar a estrutura agrária do Brasil, e, ainda, defenderam a doação de terras para os libertos.

A participação da população negra foi importante em todos os âmbitos da história, da política, da econômica e da cultura. Para a professora Silvana, esses são alguns dos agentes negros da história que “vão se movimentando, não clandestinamente, mas discretamente.” ■



Quanto vale ou é por Quilo



Instituições de ensino superior, públicas e privadas, precisam enfrentar o debate inadiável sobre qual lugar devem ocupar na sociedade

Por: Gabriel Cohn - Sociólogo e professor no departamento de Ciência Política da USP. Preside a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

Há momentos em que as universidades parecem empenhadas em exibir à sociedade a sua pior face. Quando falo de universidades estou me referindo apenas às sérias, sem preocupar-me neste momento com esses shopping centers com escolas anexas que brotam como cogumelos por todos os cantos.

Tomemos três exemplos recentes: as universidades públicas federais encerraram há pouco uma greve que consumiu mais de cem dias de aulas (pois é de aulas que se trata; as atividades de pesquisa não são simplesmente paralisadas em greve nenhuma), mais uma vez deixando a imagem de que nelas não se faz grande coisa. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo se vê às voltas

com um doloroso processo de reorganização interna sob fortes restrições financeiras, que ameaça a continuidade do padrão que a identifica.

Um centro de elite, a nova Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, é sacudida pelos efeitos da demissão sumária de um docente de excepcional valor, Marcelo Neves.

O cerne do sistema

Não importam aqui os pormenores de cada caso. Importa que eles atingem o cerne do sistema universitário: no setor público, no segmento do setor privado dirigido ao público “classe A” e, no caso da PUC, naquilo que, na terminologia consagrada por interessante debate nos anos 80, alguns chamariam de “público não-estatal”.

Será que em todos os seus setores principais a universidade está fazendo água? Por um lado, exibe-se a contínua turbulência interna no sistema federal

de ensino superior, que se traduz no uso compulsivo de um instrumento de reivindicação, a greve, que, ao ser posto em marcha, esconde todas as preocupações dos envolvidos que não sejam salariais e de carreira, imprimindo na universidade pública a imagem de corporativismo estéril injusta, diga-se com toda a ênfase, pois é nela que é gerada a esmagadora maioria da pesquisa no país e se tornam quadros importantes.

Por outro, manifesta-se como escolas privadas de elite, que em escala crescente disputam os melhores estudantes com a universidade pública (tarefa facilitada pelas tendências que, em nome do caráter ‘elitista’ desta, desciram a questão da excelência e a querem ver mais como voltada para a inclusão e a ascensão social), comportam-se como empresas fornecedoras de serviços especializados a uma clientela seleta.

Por fim, corre risco um tipo de escola que desenvolveu um padrão próprio de



Gabriel Cohn

formação e pesquisa ao longo de décadas, com momentos dos mais elevados e significativos, como a acolhida que a PUC paulista ofereceu em plena ditadura a então proscrita reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Saberá a PUC manter-se íntegra sob pressão de entidades financeiras que saberão cobrar, não se sabe até que ponto (sabe-se apenas que sua direção lutará bravamente para que ela não se desfigure), formas de gestão que poderiam extravasar para o próprio modo de funcionamento acadêmico, talvez acentuando tendências existentes?

Relação difícil

Tudo isso aponta para um problema grave e fundo, que não vem de hoje. Está em causa o modo de inserção da universidade na sociedade. E isso na sua versão mais radical, que pode ser expressa nos seguintes termos: a universidade ainda não logrou ser vista pelo conjunto da sociedade como algo seu, como uma instituição da sociedade. Há sempre uma nota de estranheza, se não de estranhamento, nessa relação difícil, que se verifica para qualquer tipo de universidade; por razões diferentes, talvez, afeta tanto as públicas quanto às

privadas. Em alguns casos, isso parece trazer a marca da própria origem de uma universidade em situações e contextos específicos.

Tomemos a USP, que às vezes se comporta como se a fundação, por iniciativa de setores das elites paulistas derrotadas em 1930, fosse uma espécie de estigma, a comprometê-la para sempre com uma vocação exclusivista; posição que tem resposta num sentimento ambíguo, de amor-ódio que apreciável parcela da população parece ter por ela e também na chocante indiferença dos seus ex-alunos pela sua sorte.

Ou a PUC, que passou por momentos em que a inserção na sociedade chegava perto de ser interpretada como uma abolição das fronteiras entre a universidade e a sociedade mais ampla, em especial os mais pobres e mais oprimidos.

A referência às fronteiras deve ser levada a sério. Pois é mesmo disso que se trata, quando se vai ao paradoxo que marca a questão da inserção na sociedade de uma instituição muito específica como a universidade (na realidade isso não é exclusivo dela: aplica-se em algum grau a todas as instituições).

Consiste esse paradoxo em que a universidade, como forma de organizar valores e objetivos sociais, pessoas e equipamentos num conjunto peculiar, se insere melhor e mais profundamente na sociedade exatamente quando sabe manter e fazer operar as fronteiras que asseguram a sua identidade e, sobretudo, a sua autonomia.

Entre dois perigos

E aqui chegamos ao fundo do problema: autonomia. A universidade caminha sempre tensa entre dois perigos. Por um lado, corre o risco de simplesmente fechar-se ao entorno e caminhar não para a autonomia, mas

para a autarquia, como se pudesse bastar-se a si mesma; por outro, está sujeita a dissolver-se no entorno, em nome da exigência de simplesmente prestar serviço a este ou aquele interesse social ou, então (numa expressão da má consciência que não raro afeta a universidade pública), em nome do pagamento da sua dívida com a sociedade que a mantém.

Mas, tomando-se este último caso, mantém para quê? Certamente não será para converter-se numa fortaleza cerrada nem numa massa gelatinosa. Espera-se dela (embora da maneira vaga e mesmo confusa) que saiba assegurar as condições para fazer o que lhe é próprio: formar cidadãos e quadros profissionais de elevada qualidade e produzir conhecimento em nível de excelência segundo padrões internacionais.

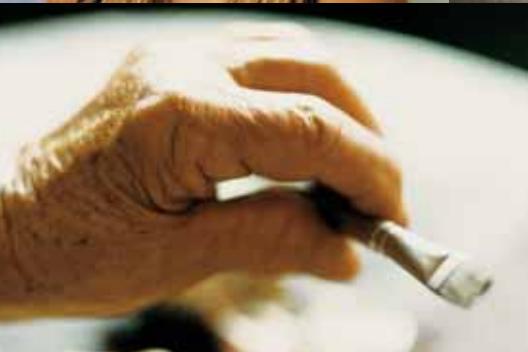
É nesse ponto que entra a questão decisiva da autonomia, no sentido preciso que o termo assume nesse contexto: como capacidade da universidade de manter a iniciativa de detectar tendências e necessidades no interior da sociedade mais ampla e – esse é o ponto – convertê-las em questões relevantes na sua área própria de atuação, na formação e na pesquisa mais exigentes.

A universidade – pelo menos a universidade pública, que é decisiva sob todos os aspectos – completará o seu problemático trajeto de inserção na sociedade e receberá dela o reconhecimento correspondente quando souber exercer e proclamar sua autonomia nesses termos. Nem empresarial simplesmente, nem meramente edificante, muito menos benficiante: mas produtora de conhecimento ao qual ninguém terá acesso sem ela e formadora dos cidadãos que saberão usá-lo publicamente. Nisso consiste sua outra face, não sombria, mas radiante. ■



100% RECICLADO
75% pré-consumo
25% pós-consumo

Este novo material é 100% reciclado. O Banco Real tem a maior geração de materiais reciclados e a menor geração de resíduos, gerando



Nosso sonho é mais que sonhar. É fazer, junto com você.

- **Primeiro banco a usar papel reciclado em larga escala**
- **Financiamentos socioambientais**
- **Financiamentos para a educação**
- **Real Microcrédito**
- **Programa Amigo Real**
- **Fundo Ethical, o primeiro constituído exclusivamente de ações de empresas com responsabilidade socioambiental**

Dinheiro não é tudo na vida, mesmo na vida de um banco. Por isso, nem tudo o que o Banco Real faz é movido por razões financeiras. Mas por valores que interessam a todos: ao banco, aos funcionários, aos nossos clientes e à sociedade. Pois, juntos, podemos mais que sonhar. Podemos fazer.

A Educação

aprofundando diferenças

*Por: José Aristodemo Pinotti,
ex-Secretário Municipal de
Educação de São Paulo*

A educação no nosso País oferece menos na escola a quem tem menos em casa, determinando – junto com uma política econômica feita para rentistas – concentração de cultura, propriedade, saúde, renda, etc., cujo agravamento nesta década foi comprovado pelos dados do Dieese (set/2005). As creches e pré-escolas são abundantes para aqueles cujas mães não precisam trabalhar e escassas para as que trabalham; o ensino fundamental e o secundário têm melhores resultados nas escolas privadas do que nas públicas (vide avaliação do Saeb, introduzida corajosamente pelo ministro Paulo Renato desde 1995) e as boas universidades públicas e gratuitas são oferecidas aos jovens cujos pais têm recursos suficientes para pagar cursinhos e permitir-lhes passar no vestibular. O Estado de S. Paulo, na sua edição de 7/01/06, mostrou que está diminuindo o número de egressos da escola pública que conseguem chegar à 2^a fase do vestibular. Essa educação aprofunda o fosso en-

tre pobres e ricos e perpetua o círculo vicioso do subdesenvolvimento. Meu medo maior é que o país se acomode na oferta desse ensino de exclusão anestesiando seus usuários com programas compensatórios e outros penduricalhos. A transformação desse círculo vicioso em virtuoso exige modificações profundas. O ensino público, tanto infantil como fundamental, deve ser universal, formativo, de qualidade e em tempo integral, especialmente para as crianças

menos favorecidas, mas é necessário também mudar completamente o vestibular, para que o fator econômico deixe de ser o principal determinante na seleção para os que aspiram a universidade pública.

Ao longo das últimas décadas conseguimos demonstrar a viabilidade e impacto dessas propostas. Idealizamos e construímos, nos anos 80, creches (CADIs nos núcleos de maior pobreza da cidade de São Paulo), em grande número e custo baixo, com resultados excepcionalmente bons. Através do Profic (Governo Montoro), oferecemos escola em tempo integral, nos quatro primeiros anos do ensino fundamental, para 514 mil

crianças menos favorecidas e com dificuldades de aprendizado. Oitenta e seis por cento dessas crianças tiveram uma performance, em todos os sentidos, superior aos dos mais favorecidos, que cursavam a escola em tempo parcial. Quando ocupamos a Reitoria da Unicamp, rompemos com o vestibular nos cursos novos que implantamos. Infelizmente, algumas dessas iniciativas, apesar dos bons resultados, foram esvaecendo com o tempo. (Tempos de Mercado).

Hoje, temos a feliz oportunidade de retomá-las e integrá-las na Secretaria Municipal de Educação e parece que essas idéias atingiram o seu momento de maturação pois, já não desparam rejeição. Estamos expandindo velozmente as vagas em creches e no ensino infantil; vamos garantir a alfabetização no 1º ano do ensino fundamental e tentar, por todos os meios, despertar a paixão pela leitura. O programa “São Paulo é uma Escola”, que abre o “guarda-chuva” da Educação o dia inteiro sobre nossas crianças, e já atinge, total ou parcialmente, 190 mil alunos e estamos melhorando rapidamente as condições e o conforto nas escolas.

Mas, sobra uma questão – a do vestibular para as universidades públicas – que está sendo contestada com pequenas e tímidas modificações, cujos resultados, entretanto, merecem uma leitura correta: na UFRJ, os alunos que entraram por cotas tiveram, em diferentes cursos, a mesma performance que os demais; na Unicamp, as notas dos estudantes provenientes de escolas públicas – que foram bonificados com pontos no vestibular – foram maiores do que as dos alunos que entraram no vestibular pelo concurso tradicional.

É preciso enxergar a verdade contida nessas duas experiências: quanta injustiça deixada para trás; quantos talentos perdidos; que desserviço ao desenvolvimento do País; como o vestibular avalia mal! Além disso, fica claro que há sempre capacidade de recuperação daqueles que não tiveram a primeira oportunidade e que a segunda deve ser sempre oferecida.

Tenho um projeto de lei (PL-1188/2003), onde é proposta a seleção separada para os jovens provenientes das escolas públicas e privadas, considerando as notas do ensino médio e garantindo um percentual de vagas crescente para os egressos da rede pública. Mas, leis são demoradas e enquanto o



José Aristodemo Pinotti

vestibular não se modifica radicalmente, é preciso oferecer condições de competitividade aos alunos de escolas públicas. Por isso, neste ano iniciaremos um “cursinho” noturno gratuito e eficiente nos CEUs para esses estudantes, a fim de oferecer-

lhes oportunidade igual a dos jovens que provêm do ensino privado. Esse conjunto de medidas vai criando uma educação de qualidade e socialmente construída que são os dois pilares da Política Educacional do Governo Serra. ■

*Por: Gláucio Ary Dillon Soares
Doutor em sociologia pela
Universidade de Washington,
professor aposentado da
Universidade da Flórida (EUA)*

Fui convidado para comentar a crise universitária brasileira, particularmente três episódios recentes (crise na PUC-SP; demissão na Fundação Getúlio Vargas-SP e greve das universidades federais), a partir da minha experiência em universidades americanas.

Porém, seria metodologicamente errado pinçar as universidades brasileiras e norte-americanas e compará-las fora do contexto. Elas são contextos-dependentes. Os EUA são um país muito diferente do Brasil (e dos demais países industriais também).

O sociólogo Seymour Lipset, em *American Exceptionalism* (Excepcionalismo Americano, editora Norton, EUA), argumentou, com fartos dados, que os Estados Unidos são minimalistas no que concerne ao Estado e ao setor público em geral. Qualquer gasto público encontra logo a pergunta: “Quem paga por isso?”

Nos EUA, os gastos públicos sociais representam apenas 15% do PNB (Produto Nacional Bruto), em contraste com a Europa Ocidental, que investia 24%; já a participação no setor privado nos gastos sociais era de 41% nos EUA, ao passo que na União Européia variava 17% no Reino Unido a 1,5% na Espanha. Na Península Ibérica, como na América Latina, é baixíssima a participação do setor privado nos gastos sociais.

Estado místico

Pouquíssimos americanos acham que a educação superior seja uma obrigação do Estado. A afirmação de que “a universidade tem que ser pública, gratuita e de qualidade” é absurda no

contexto americano, onde predominam os modelos que somam zero: se um gasto é criado, alguém tem que pagar por ele. O setor público não tira dinheiro do ar. Não há “free lunch”. Nada é de graça, nada pode ser de graça. O dinheiro sai de algum lugar, em geral do bolso do contribuinte.

Os brasileiros têm uma visão mística do Estado, ao passo que os americanos o desmistificaram. Se o Estado gastar mais, os americanos gastarão menos. Os estudantes americanos pagam caro pela educação: uma das universidades públicas estaduais mais baratas dos Estados Unidos é a de Arizona, cujas

Ensino gratuito onera quem não estuda, e tradição corporativista sobrecarrega sistema e inibe produção acadêmica

taxas de matrícula custam perto de R\$ 10 mil por ano. Já um aluno de graduação em Harvard gastará, em 2005-6, US\$ 38 mil (R\$ 88 mil) em nove meses, incluindo casa e comida.

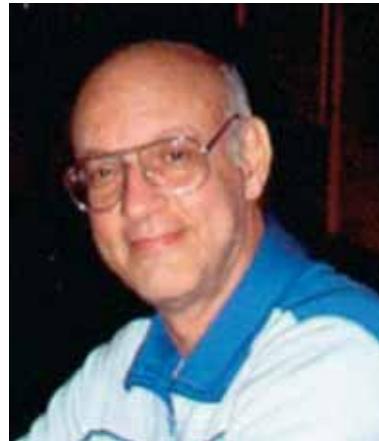
Como pagam a conta? Muitos trabalham desde cedo e economizam, juntamente com os pais. É o principal projeto dos pais e dos filhos. Requer sacrifício. As bolsas são raras, mas os empréstimos a estudantes são freqüentes. A lógica do sistema ensina que a renda futura dos estudantes aumentará dramaticamente em razão de seus estudos. Terão condições de pagar.

Dessa maneira, o estudo de alguns não onera outros. Não obstante, parte do problema financeiro da PUC-SP se deve à inadimplência dos estudantes já formados que não pagaram os seus empréstimos.

O contraste com o Brasil, onde os pobres pagam pela educação dos ricos e da classe média, é doloroso.

Os EUA gastam mais com a educação superior – 7% do PNB – do que a União Européia, que gasta entre 5% e 6%. Outra contabilidade mais restrita, feita pelo Sutton Trust, nos proporciona números diferentes relativos a 2003: 2,7%, em contraste com 1,3% da UE, com o Reino Unido gastando apenas 1%. A origem desses gastos, porém, é diferente: nos EUA, quem estuda paga; na União Européia, como no Brasil, outros pagam pelos que estudam.

O modelo universitário americano funciona? Lá, funciona, é menos elitista do que o europeu – perto de dois terços dos jovens americanos entre 20 e 24 anos estão nas universidades e “colleges”, aproximadamente o dobro da porcen-



Gláucio Ary Dillon Soares

tagem dos principais países europeus, que andam perto de um terço. O patrimônio das universidades americanas é muito maior: Oxford e Cambridge parecem pequenas em comparação com as maiores universidades de hoje, sua posição sendo a 15^a - nenhuma outra universidade britânica estaria entre as 150 maiores do mundo.

Desproporção

A qualidade, expressa em pesquisas, prêmios e reconhecimento público, é muito maior nas universidades americanas. Até 2003, o país recebeu mais prêmios Nobel em ciência do que os cinco principais países europeus somados (Alemanha, Reino Unido, França, Holanda, Rússia), mas essa é uma história incompleta. O grosso dos prêmios da Alemanha e, sobretudo, da França e do Reino Unido, foi obtido no passado distante. Oxford e Cambridge chegaram a dominar o cenário institucional, mas o declínio da Inglaterra foi acentuado. A Alemanha apresentou a maior produção cien-

tífica entre os países até 1920-29, os alemães receberam 30% dos prêmios Nobel antes da Segunda Guerra, porém menos de 10% desde 1940.

Os EUA, nas duas primeiras décadas do século 20, receberam apenas três e quatro prêmios, respectivamente. Sete décadas mais tarde o número aumentou para 65! Se usarmos patentes, citações, publicações em revistas com prestígio, impacto das revistas e outros indicadores de excelência a, preponderância americana é muito grande, e a preponderância das universidades americanas é acachapante. Mais da metade das citações científicas são feitas a pesquisadores em instituições americanas, o Reino Unido vindo em segundo, distante, com 9%.

Há diferenças entre os comportamentos dos professores nos EUA e no Brasil. Minha experiência diz que os professores lá trabalham, na média, muito mais do que nas federais daqui. Mesmo nas melhores universidades, a praxe é dar dois cursos, um na graduação e outro na pós; todos ou quase todos pesquisam e publicam. São avaliados pela produção, pelo ensino, pela obtenção de recursos e pelo serviço que prestam à profissão e à universidade, que inclui participação em comitês, associações profissionais etc.

Os poucos que não pesquisam e não publicam não são bem vistos pelos colegas, mas compensam dando mais cursos, fazendo mais trabalho burocrático, orientando mais alunos. Nos “colleges” de dois anos, e em alguns dos de quatro anos, a carga docente é muito maior.

O que diferencia as universidades pú-

blicas brasileiras das americanas é a distribuição do trabalho e da produção. Temos professores e pesquisadores excepcionais, mas o baixo clero, no Brasil, é maioria e pesa muito. O etos não é acadêmico e científico, mas burocrático-sindical e, freqüentemente, político-ideológico. Pressões para pesquisar e dar aulas, algumas instituições causam escárnio e acusações de fordismo e meritocracismo.

Greves de professores e funcionários de universidades são difíceis de entender nos Estados Unidos e as de alunos são impensáveis: afinal, eles são os que mais perdem. Há algum tempo realizei uma pesquisa para a Capes (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) na Inglaterra, quando um bolsista achou que era um funcionário da casa e ameaçou abandonar os estudos caso o valor das bolsas não fosse reajustado. Estava fazendo um favor à Capes. Ameaça interessante...

A irresponsabilidade de professores, funcionários e alunos de federais e estaduais só pode ser entendida a partir de uma forte tradição corporativista, junto com o que o antropólogo Roberto Da Matta chama da “ética do privilégio”.

A elite e a classe média acham normal não pagar nada nas universidades, nem o estacionamento de seus carros, mas acham absurdo que as empregadas domésticas tenham direitos trabalhistas. A ética do privilégio não é questionada.

As caça-níqueis

Vínculo a crise financeira de várias instituições universitárias ao crescimento das faculdades caça-níqueis. Algumas dessas instituições são vergonhosas, de baixíssimo nível, mas “roubam” alunos de instituições mais sérias, como as PUCs. A entrada é muito mais fácil,

e o custo é consideravelmente menor. As instituições públicas também retiram alunos pagantes das fundações e instituições privadas sem objetivo de lucro, que ficaram espremidas entre elas e as caça-níqueis.

Porém algumas esqueceram que são privadas e que não contam com recursos públicos regulares e se comportam como se fossem públicas. A cobrança, tanto dos alunos devedores quanto dos professores improdutivos, não é muito maior do que nas instituições públicas. Estão protegidos pela ética do privilégio.

No Brasil, algumas instituições pequenas apresentam uma produtividade muito maior do que as universidades públicas: na década de 80, fiz uma comparação entre a produção científica do Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) – então com 22 professores – e as demais instituições das ciências sociais no Rio de Janeiro.

A produção era maior do que a da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e PUC (RJ) consideradas em conjunto. Como em alguns departamentos os professores não fazem pesquisas nem sabem como, a demanda por pesquisas mudou para fundações e instituições privadas, muitas das quais são ONGs. Essa mudança foi ajudada pela burocracia impenetrável e pela instabilidade das universidades.

Aulas e pesquisas

É difícil imaginar a demissão do professor Marcelo Neves ocorrendo numa universidade norte-americana. Negar ao professor licença para participar da Anpocs (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) dificilmente aconteceria. As universidades de qualidade estimulam

seus professores a irem a congressos relevantes e apresentarem trabalhos.

Em geral, vários professores e alguns alunos participam dos principais congressos e todos tomam as medidas necessárias para não prejudicar suas aulas. Em contraste, nas instituições dedicadas ao ensino, como os “colleges” menores, a participação em congresso e seminários é pequena, mas não é desestimulada. Porém a participação, como observador, de eleições em outro país durante três semanas – se for essa a duração – excede os parâmetros que conheço.

Muitos colegas participam, como observadores, das difíceis eleições na América Central, após guerras civis. Vi e participei de eventos semelhantes, mas de duração muito menor, além do que os participantes tinham muito tempo de casa. Ou seja, a participação de eventos é corriqueira, dependendo do caráter da instituição, da duração da licença e da antiguidade do docente.

A existência de uma lista internacional de protesto contra a demissão também seria inusitada em instituições americanas, exceto em questões relacionadas a perseguições políticas. As demissões são vistas como uma questão interna das instituições. As demissões de professores, raras no Brasil e raríssimas nas federais e estaduais brasileiras, são freqüentes nos EUA, onde os professores iniciantes só adquirem estabilidade após quatro a seis anos de casa. A maioria não adquire.

Não obstante, decisões desse tipo são tomadas em coletivos com a participação de professores de mais graduação. Tratamos de instituições, países e culturas diferentes, sendo equivocado comparar as universidades fora de contexto. Não é tão simples. ■

Perspectivas e alternativas educativas dentro da Diversidade racial

Por: Sofia Manzano, Mestre em Economia e Coordenadora da Faculdade de Administração da Unipalmes

Como economista poderia trazer aqui as estatísticas que demonstram o que todos nós sabemos, mas muitos têm dificuldade de aceitar e reconhecer. Ou seja, que no Brasil, o negro é mais pobre que o branco, que o negro é mais desempregado que o branco, que o negro ganha menos que o branco, que o negro tem menos escolaridade que o branco. Pior ainda, se falarmos da mulher negra.

Este artigo, no entanto, procura falar de perspectivas e alternativas à inclusão do negro na sociedade brasileira com integridade e cidadania. E, neste sentido, apresentar uma experiência concreta que tem como um de seus objetivos a inclusão do negro em um mercado de trabalho que até então está praticamente restrito ao branco.

A experiência concreta da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares é diferente em seu projeto pedagógico em vários aspectos, mas já começa inovando, pois enquanto o Brasil discute cota para negros na universidade, nós temos uma Universidade de e para a comunidade afrodescendente.

Neste sentido, temos duas ordens de questões: A primeira é que por ser uma Universidade de e para a comunidade afrodescendente, o nosso aluno não é o especial, não é aquele que entrou ou por sistema de cotas, ou por algum tipo de bolsa, portanto, passível de ser discriminado. Nossa aluno é o nosso público, a escola é pensada para



Sofia Manzano

ele e por isso é diferente. Ele é a maioria e está no seu espaço e no seu direito.

A segunda diferença crucial está no ensino. É uma Universidade diferente porque pensa o ensino de forma diferente.

Nossa proposta não é igualar a sala de aula do negro com a do branco, pois no meu entender e com a minha experiência, o ensino universitário no Brasil, com raras exceções, é muito ruim. Não é isso que queremos reproduzir. Nossa proposta é diferente.

Nós não podemos cair na armadilha de copiar, pois o que existe pode ser muito ruim.

Se temos a chance, vamos ser criativos e fazer diferente, e é essa diferença que vai garantir o sucesso do nosso projeto no futuro.

A desigualdade que existe no Brasil é estrutural e tem raízes muito antigas. Neste sentido, quando nos propomos a investir na educação superior como instrumento de igualar possibilidades e inserir a comunidade afrodescendente na sociedade afluente, nossa proposta não é apenas "capacitar di-

reitinho" a população afrodescendente para o mercado de trabalho. Isso seria reproduzir a desigualdade em outro patamar.

Nós queremos mais, nós queremos alunos pensantes. Não só nos conteúdos específicos da faculdade que cursam, mas que pensem o Brasil, a comunidade a que pertencem e a condição social e cidadã que aqui existe. Nossos alunos não têm que ser apenas bons técnicos para que as empresas possam contratá-los e dizer no seu Balanço Social que têm Responsabilidade Social, eles têm que ser ativos e transformadores.

Por isso, entender o seu país, a sua cultura e a sua história são pontos fundamentais para o início de qualquer transformação social.

A nossa educação é diferente porque enquanto no resto das Instituições de Ensino Superior – principalmente as privadas – fala-se em capacitação para o mercado de trabalho, nós falamos em conhecimento; enquanto se discutem competências, nós exaltamos a inteligência; nas outras Instituições se transmitem conteúdos e nós, sem descuidar dos conteúdos, estamos tratando de cultura.

Aí reside nossa peculiaridade que fará diferença no futuro.

Pensamos a escola a partir do conhecimento, com inteligência e cultura. Essa escola não existia no Brasil, nem para negros nem para brancos. Nós a estamos criando.

Além disso, nós passamos aos nossos alunos que há fundamentos éticos imprescindíveis, ou seja, o empenho individual, a responsabilidade e a solidariedade com o coletivo, pois ninguém vai mudar a realidade sozinho.

Invisibilidade acadêmica

*Pesquisa mostra que universidades escolhem
professores pela cor da pele*

Ana Luiza Biazeto

Da Redação

Enquanto ainda se discute a inclusão do aluno negro na universidade brasileira, surge outra mostra da desigualdade racial, também no ensino superior: a ausência de professores da mesma etnia. A constatação é resultado de pesquisa realizada pelo antropólogo José Jorge de Carvalho em 12 instituições de ensino superior e mostra que os professores negros não chegam a 1%.

Simultaneamente, a Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat), através do Conselho Universitário (Consuni), em dezembro de 2005, aprovou a destinação de 5% das vagas a candidatos que se declarassem negros ou pardos no concurso para docente. No entanto, a Procuradoria-Geral do Estado de Mato Grosso (PGE) "deu parecer contrário à matéria, considerando a reserva de cotas inconstitucional", conforme comunicado enviado pela Unemat à *Revista Afirmativa*.



Humberto Adami

EXCLUSÃO ACADÊMICA			
Pesquisa mostra que o número de docentes negros é ínfimo			
Total de professores por universidade			
EM 2000			
INSTITUIÇÃO	PROFESSORES TOTAL	PROFESSORES NEGROS	PROFESSORES NEGROS (% do TOTAL)
Universidade de São Paulo (USP)	4.705	5	0,10
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	2.000	3	0,15
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	1.761	4	0,20
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	3.200	20	0,60
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	2.700	20	0,75
Universidade de Brasília (UnB)	1.500	15	1,00
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)	2.300	30	1,30
Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares (FAZP)	44	16	36,4

FONTES: PROFESSOR JOSÉ JORGE DE CARVALHO, FUVEST, USP E UNIPALMARES

Segundo o advogado e presidente do Instituto de Advocacia Racial e Ambiental – Iara, Humberto Adami, a decisão da PGE não é aceitável, pois “este não é um órgão habilitado para dizer o que é ou não constitucional, mas sim os magistrados, num órgão especial, e o Supremo Tribunal Federal”, explica. Adami certifica que se há constitucionalidade nas ações para diminuição da desigualdade entre alunos, deve haver também aos professores. “Esta negação da PGE é reflexo da própria sociedade brasileira. No entanto, os críticos das cotas não oferecem nenhuma alternativa para a desigualdade racial no Brasil.”

O vice-reitor da Unemat e presidente da comissão de concursos públicos, Almir Arantes, informou que na dúvida da constitucionalidade da proposta

das cotas, membros da universidade consultaram a PGE, que não é órgão normativo, mas sim uma assessoria prestada pelo Estado. “Foi feito um acordo com líderes políticos e com o movimento negro, para ver quais são os passos para dar legalidade nesta questão”, diz. Os argumentos da PGE estavam lícitos, de acordo com Arantes, pois “há artigos da Constituição que dizem que os concursos públicos não podem ter distinção alguma, exceto para deficientes”.

Quanto à inserção das cotas aos alunos afrodescendentes, em 2005, a Unemat não teve dificuldades. “Esta discussão já estava em andamento, no entanto, falar de cotas para professores além de polêmico, é um assunto novo, que tomou conta do país”, mostra o vice-reitor da Unemat.

À frente das mudanças encontra-se a Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares (Unipalmares), que além de ter mais de 80% de alunos afrodescendentes, dentre os 44 professores, 36,4% são negros. E até julho de 2007 a expectativa é que este número chegue a 50%. “É uma proporção de acordo com o total da população brasileira de afrodescendentes [que equivale a mais de 46%, de acordo com o IBGE] e, como sempre, vão ser contratados por competência”, diz a diretora de graduação e extensão da universidade, Cristina Jorge.

As universidades formam bons profissionais negros, no entanto não os absorvem em seu quadro funcional, é o que destaca a professora de Filosofia da Unipalmares, Elisabete Aparecida Pinto, mestre em Ciências Sociais Aplicada à Educação, pela Unicamp, e dou-



Elisabete Aparecida Pinto

tora em Psicologia Social, pela PUC de São Paulo. “A questão das cotas para professores negros suscitará debates



Washington Grimas

distorcidos e reacionários, mesmo entre os setores entendidos como mais progressistas", antecipa.

A experiência do também professor de Administração de Recursos Materiais e Patrimoniais e Administração de Sistema de Informação da Unipalmares, Washington Grimas, na trajetória por um espaço no meio acadêmico tardou a se concretizar. Formado em Gestão de Negócios da Informação, com MBA em Gestão Empresarial, aos 33 anos, ele conta que vê instituições tradicionais não darem oportunidade aos negros simplesmente pela cor da pele. "Algumas delas procuram conhecer o candidato à vaga para corpo docente. Se é negro há receio em contratar, pois ele pode passar conceitos anti-racistas e em prol da igualdade de direitos", explica Grimas.

O ensino superior no Brasil ainda é um espaço a ser povoado e conquistado pela diversidade, mas até então "é preciso enfrentar os argumentos embasados nos princípios da isonomia, meritocracia, pobreza e misogenia", observa Elisabete. "Todas as iniciativas vão ser questionadas, sendo em busca de maior espaço para alunos ou professores negros, pois aqueles que são favorecidos pelas desigualdades raciais, quando contra-argumentados, tecem apartes irados, tentando intimidar.

É preciso lutar."

Na opinião de Adami, a Unipalmares está à frente em várias experiências que ocorrem no Brasil, principalmente por ter adesão de diversas pessoas de bom senso. "Isto é um exemplo que deve ser seguido por instituições de outros estados, afinal, partiram para uma solução imediata do problema, tanto no quadro de alunos quanto no de professores afro-descendentes, ao contrário de todas as forças incrustadas no sistema de ensino do país", destaca.

A gerente do projeto Sensores de

Radiação Infravermelha (Sinfra), do Instituto Aeronáutica e Espacial (IAE), Sonia Guimarães, não só como ex-professora do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), mas também na atual função, encontra dificuldade em ser confiada. "Nunca sou acreditada. Sempre acham que eu não vou conseguir fazer isso ou aquilo, não importa aonde cheguei e por onde passei", conta a doutora em Materiais Semicondutores Eletrônicos, pós-graduada na Inglaterra.

Ser o melhor. Esta é o lema de Sonia para todos os negros. "Não podemos cometer nenhum erro e precisamos estar sempre em condições maravilhosas, em todos os sentidos, porque boa parte dos brancos tem alguém ao lado para apoio profissional, os negros não. Ele está por si, não tem ninguém por ele, ou melhor, tem todos contra ele", conclui. ■



Sonia Guimarães

Educação à distância e Inclusão

“ Não são as técnicas, mas sim a conjugação de homens e instrumentos o que transforma uma sociedade (Octavio Paz)

Por: Cléo Tibiriçá - Professora de Comunicação e Expressão da Unipalmares

O Brasil é um país de dimensões continentais e a realidade física dessa característica tem justificado durante décadas a impraticabilidade de um acesso igualitário à educação. A escancarar o aspecto falacioso dessa argumentação estão aí as gigantescas desigualdades de acesso à escola - ou de acesso a uma escola de igual qualidade - que se estabelecem entre um bairro e outro de um mesmo município de qualquer um de nossos estados.

Ainda que, numa demonstração de efetiva vontade política no sentido de reduzir injustiças e desigualdades sociais, iniciativas governamentais viessem a plantar escolas a cada quilômetro quadrado de nosso território, os recursos técnicos, materiais e humanos disponíveis em cada região, de desiguais proporções e níveis de desenvolvimento, pouco poderiam fazer para diminuir os efeitos que, produzidos por diferentes graus de acesso aos saberes, ao conhecimento, ao mundo, justificam a perpetuação de práticas sociais excluidentes.

A possibilidade de implementar ambientes virtuais de aprendizagem e desenvolver programas a distância abre amplas perspectivas para segmentos, organizações e instituições envolvidos em projetos de inclusão social por meio da educação e que já disponham de know-how pedagógico a ser integrado à potencialidade da tecnologia. Grupos de discussão, avaliação e pesquisa de iniciativas pioneiras em Educação a Distância não podem prescindir da experiência e participação desses segmentos.



Cléo Tibiriçá

Vale salientar a oportunidade do momento, pois, ainda que já se configurem como realidade em núcleos de pesquisa de algumas universidades ou no cotidiano escolar de algumas instituições educacionais privadas de alto padrão, a discussão sobre o impacto e uso da tecnologia em ambientes de aprendizagem a distância encontra-se ainda em seus primeiros estágios.

Por oportunidade do momento histórico e pela urgência de resposta exigida pela questão de nossa realidade de exclusão educacional, paralelamente à discussão sobre a utilização adequada de forma e recursos tecnológicos, impõe-se a discussão de questões que transcendam a mídia e a tecnologia e abordem as transformações tecnológicas como instrumentos para a construção de uma sociedade igualitária. A nós, educadores, pesquisadores e instituições que orientam suas práticas para uma transformação social que elimine as

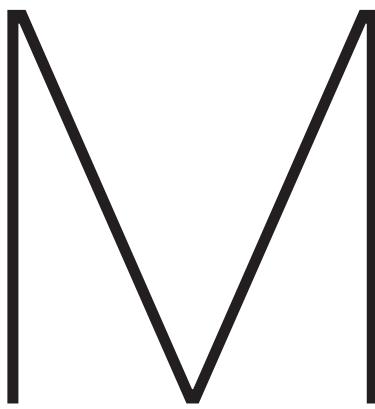
desigualdades, conteíble a diversidade e promova a inclusão, a apropriação e utilização de todos os meios e tecnologias assume caráter compulsório, tendo em vista que, se não utilizados rápida, eficiente e generosamente a serviço da ação transformadora, seguirão reforçando as estruturas que sustentam o velho pacto da exclusão celebrado entre as nossas elites políticas e econômicas.

Para reverter o foco prioritariamente corporativo que assumem as pesquisas de meios e tecnologias, cumpre-nos colocar enfaticamente em pauta na agenda da TI (Tecnologia da Informação) e da EaD (Educação a Distância) as questões essenciais que orientam nossa relação com os avanços tecnológicos e que poderiam ser resumidas em duas amplas investigações:

- em que medida a integração da tecnologia e suas ferramentas interativas ao processo de ensino-aprendizagem à distância pode resgatar milhares de cidadãos brasileiros da exclusão a que foram submetidos por uma estrutura socioeconômica perversa e negligente?

- em que medida os grupos de estudos virtuais, o acesso a bibliotecas digitais, os chats, as videoconferências, o suporte pedagógico virtual podem atuar na formação de estudantes e professores a quem até então não era dado acesso à abrangência do mundo?

Nem apocalípticos, muito menos deslumbradamente integrados, cabe a nós a mediação entre os meios tecnológicos e os projetos educacionais num percurso que não se desvie da meta maior da educação - a emancipação do homem. ■



ais calma, mais razão

Por: Edson Vidigal, ex-Presidente do Superior Tribunal de Justiça (STJ)

Porque sou livre para dizer o que penso, posso dizer em público, integralmente, em alto e bom som, tudo o que penso? A liberdade para dizer o que penso não me garante um passaporte para a certeza de que os eventualmente ofendidos tenham que ficar inertes, sem direito a qualquer reação.

Quando afrontamos valores dos outros, como neste caso recente das charges sobre o profeta Maomé, achamos que a reação dos afrontados, essa reação irada à qual assistimos mundo afora, não passa de um desembestar da intolerância de um povo ainda primitivo, atrasado. Nada disso.

Evocar Voltaire e o seu “Tratado Sobre a Tolerância” não vale. Inaplicável a jurisprudência daquele caso, na França de 1761, quando Jean Calas foi morto sob tortura porque, na contramão do “povão” irado nas ruas, se recusou a assumir a religião católica.

Aquele foi um caso clássico de intolerância. Estado e igreja unidos nas manipulações, subjugando a dissidência mental pela imposição da fé.

Equiparar os que professam o islã ao extremismo é não querer que a razão e a prudência funcionem como ingredientes da paz. Essa paz tão reivindicada a toda hora nesse mundo tão desigual. A paz, afinal – assim falou Isaías, 32,17 –, não é ausência de guerras, mas uma obra da justiça.

Alguém tem dúvida de que, depois de 11 de Setembro, nos Estados Unidos, as torres gêmeas de Nova York em chamas, milhares morrendo, não cresceu a onda de preconceitos contra os povos árabes?

Qual foi o “gancho” para a invasão do Iraque? Armas de destruição em massa, afinal nunca encontradas? Claro que não. E essa onda agora contra o Irã? O perigo de bomba atômica nas mãos dos aiatolás? Conversa. É que eles ainda têm muito petróleo e não podem escapar à dominação do Ocidente.

São muito antigas e continuadas as nossas incursões contra as riquezas

naturais e os valores culturais dos povos árabes. Um dos poucos ocidentais que, em lá chegando em missão de enganá-los, mudou de lado – o inglês Lawrence –, se deu mal. E só depois de morto, em um desastre de moto, foi mais bem compreendido e, assim, ganhou respeito. Winston Churchill, num magistral discurso, o resgatou. Deixou de ser lenda para ser história. A intolerância que vemos hoje na Europa e nos Estados Unidos para com as pessoas de origem árabe lembra de algum modo aquela aversão nazista aos judeus. Para Bill Clinton, vivemos, sim, tempos de preconceito antiislâmico. Esses desagravos por conta das charges, se não dizem de tudo, explicitamente, também não escondem que as motivações são várias.

Quem são os degradados, que nem são filhos de Eva, mas que estão suspirando, gemendo e chorando nos vales de lágrimas das prisões secretas, abjetas, como as de Abu Ghraib e Guantânamo, sendo humilhados exatamente a partir de sua fé religiosa?

Quem são os primeiros a serem tidos

*“ Sempre provocados,
desrespeitados,
humilhados...
E eles, os muçulmanos,
é que são intolerantes ”*

como suspeitos de terrorismo nos aeroportos, nas paradas de ônibus, nas feiras, nos trens, nos metrôs da Europa e dos Estados Unidos? Em primeiro lugar, os imigrantes de qualquer origem. Preferencialmente, os devotos do islã, os seguidores do profeta Maomé, as pessoas de origem árabe.

Provocados, desrespeitados, humilhados – e eles, os muçulmanos, é que são os intolerantes. Eles que são discriminados, é que devem seguir de cabeça baixa, como no verso de Chico Buarque, “andando de lado e olhando pro chão.....”?

No Brasil, felizmente não temos problemas com os imigrantes, seus valores, suas religiões. Aqui convivemos com todos na mais sadia e bem-humorada diversidade. Por precaução, divulgamos e praticamos a máxima segundo a qual religião e futebol são temas sagrados. Todos respeitam, ninguém discute.

Nossa Constituição determina que é inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando a todos o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias.

Por isso mesmo, mantemos no Código Penal um capítulo tratando dos crimes contra o sentimento religioso, o qual está assim:



Edson Vidigal

Jorge Campêlo/ACSI/STJ

“Artigo 208. Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso.”

É crime também faltar com respeito aos mortos. É punível até mesmo a calúnia contra os mortos.

Se os nossos concidadãos, comuns mortais, são protegidos no nosso sistema constitucional com todos esses direitos, imagine quanto ao prestígio de um santo, de uma santa, de alguma entidade espiritual, de algum

ídolo maior de alguma fé religiosa. Isso tudo quer dizer que a liberdade de imprensa, por exemplo, se mantém como regra absoluta, inarredável, irreprimível. Mas é do editor, se não quiser entregar ao juiz, a incumbência de conciliar os direitos à liberdade com os direitos dos cidadãos de, por exemplo, serem respeitados em seus sentimentos religiosos. É liberdade com responsabilidade. Portanto, mais calma, mais compreensão, mais razão. ■

raços de liberdade

Por: Mauricio Pestana,
cartunista e publicitário
www.mauriciopestana.com.br

“O cartunista não pode acreditar nem em deuses nem em astronautas, pois no dia em que ele acreditar em alguma coisa, fatalmente irá defender aquilo e entrará no difícil dilema dos padres progressistas de nossa época, que têm a função de salvar a alma e, ao se envolverem em política, acabam cada vez mais tentando livrar o corpo”.

Essa frase, escrita em um artigo do jornalista e escritor Rivaldo Chinem a respeito do meu primeiro livro “A Transação da Transição” no início dos anos 80, iria nortear grande parte de minha produção como cartunista. Tempos memoráveis em que o cartum e a charge estavam saindo vitoriosos de uma verdadeira revolução na luta contra a ditadura militar e pela redemocratização do país, época em que nossa principal

trincheira de resistência fora o jornal “O Pasquim”.

Para os cartunistas que viveram naquela época, liberdade de desenhar e opinar sobre qualquer assunto foi um direito adquirido no *front* de batalha, pois afinal tínhamos enfrentado a ditadura militar, época em que os cartuns serviam como uma das poucas formas de mostrar e denunciar a tortura, a morte, enfim, a violação dos direitos humanos praticados pelo regime. Acreditávamos que a liberdade total viria com o fim da ditadura e com o novo estado democrático que estávamos ajudando a construir.

Nos anos que se sucederam, a experiência em algumas redações nas quais trabalhei mostraram-me que as coisas não eram bem assim. Temas como racismo, entre outros, não eram bem vistos para serem tratados

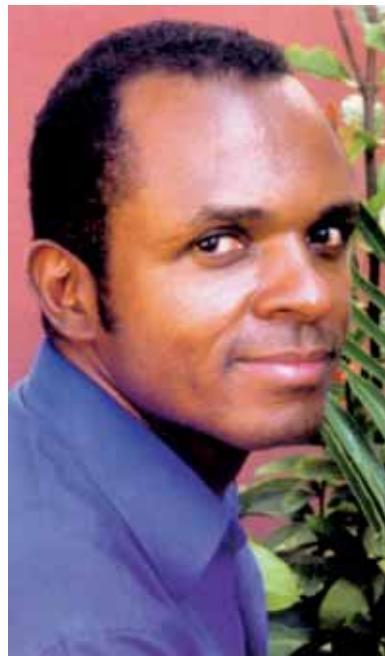
naquela época e passei a ouvir com uma certa freqüência a frase “esse assunto não faz parte da linha editorial do jornal”. Aos poucos fui entendendo que a liberdade de criação estava sempre ligada ao interesse Y ou X. Lembro-me de que uma vez fiz um cartum criticando a negociação que o então candidato à presidência da República Tancredo Neves fazia em torno do seu nome, via colégio eleitoral e não pelas eleições diretas. Fui chamado no dia seguinte pelo dono do jornal e não pelo “editor-chefe”, que me disse que se eu queria fazer propaganda do meu partido, que o fizesse em outro jornal (e olha que nunca fui filiado a nenhum partido político).

Portanto, discutir liberdade de criação dentro do nosso sistema ocidental, burguês e capitalista, é tão ques-

tionável quanto discutir liberdade no Irã, Iraque ou Afeganistão.

Meu embate em relação à liberdade de criação iria me acompanhar nos anos seguintes, pois, como os pais estão cada vez mais dispostos a salvar o corpo que a alma, meu engajamento na luta contra o racismo faria com que a utopia da liberdade de criação estivesse cada vez mais comprometida com outros direitos como os Direitos Humanos. Descobri com o tempo que a criação do cartunista político está intimamente ligada à visão crítica e ao contexto sócio-cultural em que o seu criador está inserido e, aí, logo a liberdade total de criação é questionável, uma vez que minha liberdade de criação depende muito daquilo em que eu acredito - aquilo em que acredito pode não ser a verdade do outro, e sim minha verdade. Portanto, o respeito ao outro pressupõe qualquer criação.

Dentro desse dilema, outros episódios se sucederam em meus questionamentos sobre até onde vai a liberdade de criação do cartunista. Um deles, lembro-me, em uma redação de jornal pela qual passei, que toda vez que os companheiros cartunistas tinham que desenhar um ladrão, fatalmente a figura retratada era de um negro. Toda vez que eu tinha que fazer o mesmo, o ladrão saía branco e aí me acusavam de racista, por eu me preocupar em colocar um branco. Eles acreditavam que estavam exercendo a liberdade total de cria-



Mauricio Pestana

ção sem nenhum comprometimento racial ou ideológico. A questão da imagem do negro estava em seus subconscientes, dos quais eles não tinham domínio e nem censura.

Por algumas vezes eu me perguntei se eles não tinham razão e se a liberdade total era exatamente aquilo, se o meu comprometimento com outros valores e com a mudança desta sociedade teria limitado meu poder de criação. Quando esse tema vem à tona de forma global com as charges publicadas sobre o profeta Maomé, é como se tudo aquilo que ouvi a vida inteira se repetisse em torno do assunto. Mais uma vez os defensores da liberdade total e incondicional levantam suas bandeiras em defesa daquilo mais precioso, que é a nossa liberdade total de criação e de expressão!

Liberdade de sermos racistas o quan-

to pudermos e usar nossa criatividade total para criarmos todos os dias sites racistas que se proliferam pela Internet.

Liberdade total para generalizarmos um pequeno grupo do Islã a toda religião islâmica como atrasados reacionários e terroristas.

Liberdade total para irmos à TV em nome de Cristo, atacarmos as religiões de matrizes africanas como religiões satânicas e do mal.

Ou será que nossa liberdade total realmente deva estar limitada ao comprometimento, com o respeito ao outro, com a tolerância, com a solidariedade e com a construção de um outro mundo?

Não tenho dúvidas de que as charges publicadas referentes ao profeta Maomé foram apenas um estopim pronto a ser detonado há muito tempo entre ocidente e o islã, e que a manipulação da mídia em torno do assunto colaborou ainda mais para aumentar a ignorância e o preconceito com relação ao assunto.

Acredito que a verdadeira liberdade de criação no quesito questionamento social poderá ser exercida sim, mas no dia em que não encontrarmos mais crianças se drogando em plena luz do dia no Centro de São Paulo, não testemunharmos mais jovens traficando em bairros como o Harlen em New York ou homens-bomba tirando vidas para chamarem atenção do mundo para os seus problemas.

iris

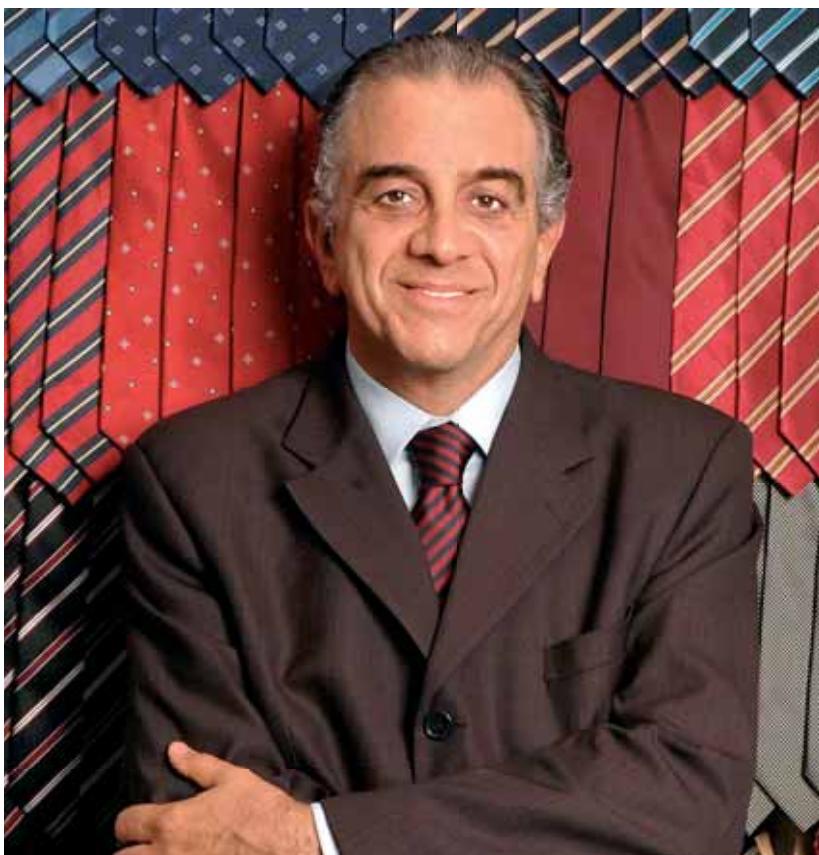
três ações,
três valores,
um projeto

O Projeto Íris – Integração, Responsabilidade e Integração Social –, lançado em 30 de outubro de 2005, surge para agregar as três ações sociais desenvolvidas pela Camisaria Colombo – cotas para afrodescendentes, contratação de deficientes físicos e oportunidades para os menores aprendizes – e vai se tornar uma ONG em abril deste ano.

A unificação das ações num só projeto, para o diretor e coordenador do projeto, Nelson Kheirallah, pode facilitar a divulgação e servir de modelo para outras empresas desenvolverem ações sociais. “Esperamos que outros empreendimentos se envolvam socialmente”, diz.

De acordo com o coordenador, “o IRIS vai funcionar em todo o Brasil, assim como as ações que dele fazem parte, e vai ter na administração funcionários da Colombo, profissionais contratados e terceirizados”.

Um logotipo do projeto foi criado para divulgá-lo e também para estampar ou bordar camisetas que serão comercializadas. “As camisetas



Diretor da Camisaria Colombo e coordenador do projeto IRIS - Nelson Kheirallah

são uma forma de captação de recursos e de torná-lo conhecido”, conta Kheirallah.

A verba destinada ao projeto, com

sede em São Paulo, além da venda das camisetas, virá da Camisaria Colombo, de incentivos fiscais e empresas parceiras. ■

COCA-COLA e AKATU em prol da reciclagem

Cartazes serão afixados em 80 mil pontos de venda por todo o Brasil

A Coca-Cola Brasil firmou parceria com o Instituto Akatu pelo Consumo Consciente com o objetivo de levar aos seus consumidores informações e orientações sobre a reciclagem de materiais e sua importância ambiental, social e econômica.

Um cartaz ilustrado com a figura de um cofre em forma de porquinho feito a partir de uma garrafa pet, trazendo a mensagem 'Reciclar também é gerar renda', será afixado em cerca de 80 mil pontos de venda da Coca-Cola Brasil em todo o País, incluindo bares, mercearias, padarias e minimercados. Os pôsteres serão exibidos em locais de alta visibilidade para o consumidor, como paredes próximas às entradas dos estabelecimentos ou perto do balcão de vendas.

A iniciativa é mais uma demonstração do comprometimento da Coca-Cola em promover a responsabilidade corporativa no mundo e segue-se ao acordo que selou o apoio da companhia ao United Nations Global Compact, uma rede internacional e voluntária de cidadania corporativa criada pela Organização das Nações Unidas. O acordo foi assinado na sede da ONU, em Nova Iorque, no último dia 8 de março, pelo chairman da Coca-Cola,

Neville Isdell, e pelo secretário-geral da ONU, Kofi Annan. Na ocasião, a Coca-Cola reiterou o propósito de empregar seu papel de liderança empresarial nas áreas de atuação do Global Compact: direitos humanos e trabalhistas, proteção ao meio ambiente e combate à corrupção.

“A Coca-Cola Brasil é uma empresa-cidadã, com forte atuação nas áreas social e ambiental. Esta parceria da Coca-Cola Brasil com o Instituto Akatu é uma experiência inovadora e que

esperamos que traga resultados muito positivos. Estamos usando nossa força de vendas para atuar como parceira em uma ação social. Nossa objetivo é fazer do Brasil, que já é o campeão mundial de reciclagem de alumínio, também o campeão na reciclagem de PET”, afirmou Marco Simões, diretor de Comunicação da Coca-Cola Brasil.



“É com imensa satisfação que recebemos o apoio da Coca-Cola ao consumo consciente”, diz Helio Mattar, presidente do Instituto Akatu. “Quando a empresa que detém a mais valiosa marca do mundo engaja-se em uma campanha como esta, nossa crença em um mundo sustentável e solidário se fortalece.” ■

Indignação faz surgir Cooperativa de trabalho

A infância foi rude, faltava dinheiro e até comida, mas cabia aos pais de Luiz Carlos de Oliveira, netos de escravos, nascidos em Minas Gerais, não deixar os sete filhos irem à mediocridade. Foi então que Oliveira iniciou a vida profissional, com cargos de assistente de alfaiate, office-boy, manobrista e motorista profissional, onde passou a ter contato com feiras e eventos.

No ano de 2000, em busca de melhores condições de trabalho àqueles que montam feiras e eventos, a Cooperativa de Trabalhadores e Profissionais em Feiras, Eventos, Esportes e Turismo (Cootrafe) surgiu da indignação do paulistano do bairro da Brasilândia, periferia da zona norte de São Paulo, o ainda estudante de Direito, Oliveira, através do estudo da Lei do Cooperativismo.

Na época, motorista do pioneiro empresário do mercado brasileiro de feiras, Caio de Alcântara Machado, e

com a faculdade subsidiada pela empresa, Oliveira pôs fim à aflição de anos ao ver trabalhadores honestos “correndo como ratos quando os fiscais do Ministério Público do Trabalho (MPT) chegavam aos pavilhões”, conta o presidente da Cootrafe.

A Cootrafe, através do presidente Luiz Carlos de Oliveira, teve início num pequeno escritório, porém mudou-se para garagem da casa de Oliveira, devido ao período de mais de um ano sem lucro e o fim do dinheiro em caixa. “Quando os ganhos retornaram, ergueu-se a atual sede da cooperativa, em Santana [zona norte de São Paulo], que também é simples, mas funcional”, diz.

As vantagens de participar da coope-

rativa são diversas. Entre elas, expõe Oliveira, é a carteira de cooperado que o trabalhador recebe e, no caso de fiscalização nos pavilhões, pode apresentá-la, comprovando que é um trabalhador dentro da Lei do Cooperativismo. Com a carteira também é possível fazer um crediário numa loja, por exemplo. “Se quiser fazer um financiamento e precisar de uma declaração de renda, a cooperativa fornece. Além disso, há benefícios como seguro de vida e assistência médica”, explica.

Oliveira, especialista em associações, acentua que o profissional que tiver um registro numa empresa não pode trabalhar em outra, pois o contrato é personalizado. “Sendo cooperado ele

pode trabalhar em várias empresas, por isso esse trabalhador tem chance de lucrar mais.”

O presidente afirma que os cooperados – dentre eles montadores, marceneiros, eletricistas, pintores, profissionais de limpeza, projetistas, decoradores, técnicos em som, ar-condicionado ou iluminação, recepcionistas – são os próprios patrões. “Na Cootrafe eles podem verificar tudo o que quiserem, da contabilidade aos livros de matrícula. Eles têm livre acesso. Além de usuário, ele é beneficiário.”

De acordo com Oliveira, o cooperativismo ainda deve crescer no Brasil, como em outros países. “Aguardei dois anos (1998-2000) para a formulação do estatuto, o estudo da lei e o registro da Cootrafe, assim como ocorre em outras cooperativas. Juntas, estas colaboram para o progresso do Brasil, que não sabe mais o que é vínculo empregatício”, diz, com base no emprego informal, comumente encontrado por todo território brasileiro.

A receita para o sonho concretizado, de ter uma solução aos trabalhadores que observava durante anos e também ser o próprio patrão, vem do dinamismo que traz da infância. “Não sou acomodado, quero resultados e soluções. Espero que a cooperativa dê certo e batalho por isso, busco parceiros, faço-me conhecer, trabalho e não me canso.”



Luiz Carlos de Oliveira

avanço do retrocesso

Por: Ives Gandra da Silva Martins, Presidente do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, do Centro de Extensão Universitária e da Academia Paulista de Letras.

As teses políticas dominantes entre os seguidores de Marx, no fim do século XIX, e que levaram à revolução russa de 1917 -fonte indiscutível do fantástico atraso de desenvolvimento do leste europeu no século passado- começam a renascer, curiosamente, no continente latino-americano. Fidel Castro resta, hoje, como um símbolo do retrocesso econômico e da persistência ideológica, mas sem efeitos deletérios maiores, pelos limi-

tes de sua ilha. Seu governo foi, internamente, ridículo, e, externamente, exaltado por todos aqueles que, ao sentirem a desagregação do império soviético, agarraram-se, desesperadamente, no falante e genocida líder cubano -matou sem julgamento, no início de seu governo, milha-

res de opositores- para a continuação da pregação socialista.

O próprio fracasso econômico da ditadura fidelista, em choque com o pragmatismo socialista da China, que adotou a economia de mercado para crescer, sempre foi minimizado pelas viúvas do império soviético, pois necessitavam de alguém em que se apoiar. Daí surgiu Chaves, patética figura que, após quase ser derrotado por corrupção, assumiu, tiranicamente,

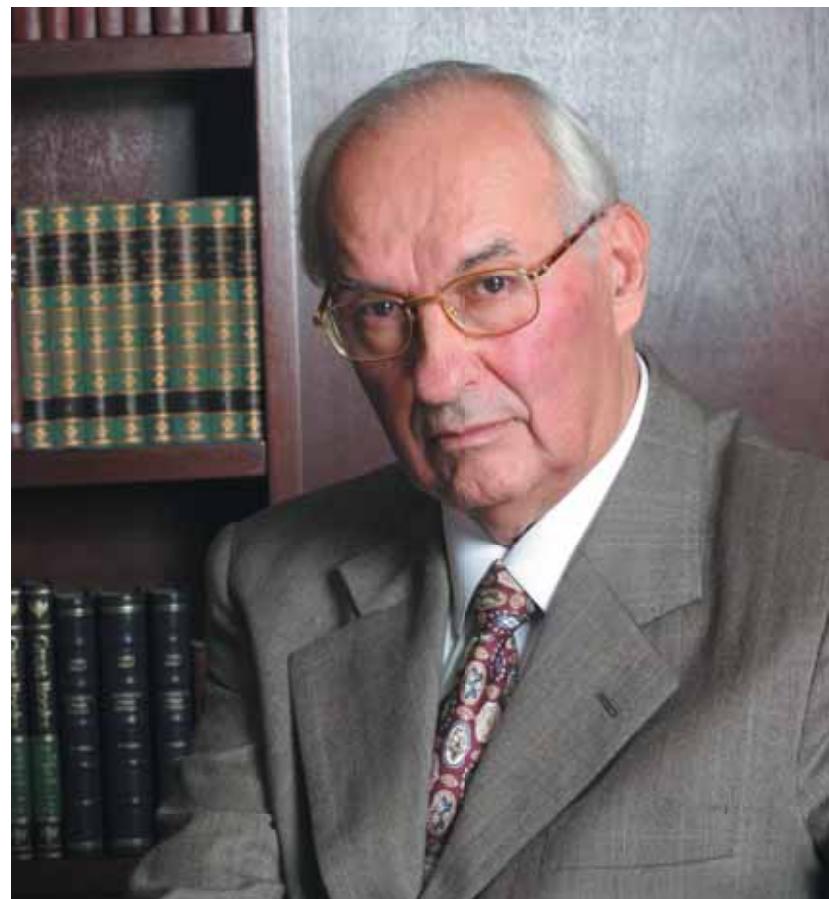
seu país, e, hoje, dá-se ao luxo de atacar, no plano internacional, os governos de todos os países denominados “neocapitalistas”, em sua retórica retrógrada, e elogiar e incentivar a volta ao século XIX, nos países em que líderes populares e despreparados, com notável dose de demagogia, assumem o controle, como é o caso do presidente da Bolívia, capaz de nomear uma empregada doméstica para o Ministério da Justiça, apesar de a própria -parece ser uma excelente líder sindical- declarar que não entende como funciona o Ministério, a Justiça e o Direito.

O Presidente Chaves -até um poste seria bom presidente, na Venezuela, com o atual nível do preço do petróleo- não consegue, todavia, baixar o risco de seu país, pior do que o do Brasil, exatamente porque não oferta segurança jurídica. O mesmo ocorrerá com Morales, pois sem segurança não há investimentos.

A tônica dominante na retórica dos 3 líderes saudosistas que governam no presente, é sempre o ataque ao “neoliberalismo” -leia-se economia de mercado-, aos Estados Unidos, aos países desenvolvidos e à classe empresarial, acreditando que apenas as burocracias e o Estado são os verdadeiros representantes do povo e os geradores de desenvolvimento e bem estar.

A História, todavia, tem demonstrado que onde há excesso de Estado, há excesso de corrupção.

Tem demonstrado, também, o monótono fracasso destas tentativas de colocar o Estado -leia-se os detentores do poder- como representante do povo e



Ives Gandra da Silva Martins

como único ente com capacidade de gerar o progresso. Ocorre, todavia, que à medida em que os resultados não aparecem, a História também tem realçado a instabilidade que grassou, nestes países, no século XIX, fazendo do autoritarismo crescente e da busca de bodes expiatórios o único caminho para esconder o fracasso.

É exatamente o aumento de tensões que deverá ocorrer, proximamente, com a esquerda crescente do continente. Há líderes de esquerda, no Ocidente, que tiveram o bom senso de não lutar contra os fatos (França, Portugal, Espanha), mas, quanto

menos preparado for um líder -e parece-me ser o caso dos dois presidentes sul-americanos- mais a luta contra os fatos poderá se tornar uma realidade, com prejuízo não só para seus países, como para o continente.

Estou convencido de que não se cresce senão com a harmonia entre os povos e a colaboração entre as diversas instituições sociais, numa nação. Porém, a luta de classes começa a ser “redescoberta”, como instrumento de governo, levando-me a crer que teremos surpresas crescentes, no continente e que não serão surpresas agradáveis.

D esafios para

Por: Paulo Skaf, presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Senai-SP, Sesí-SP, Sebrae-SP e Instituto Roberto Simonsen

2006

“ A prioridade é a redução drástica dos gastos públicos, propiciando maior volume de investimentos e melhor controle da inflação. Também é preciso estabelecer política eficiente de crédito, para produção e consumo, considerando a redução dos juros ”

Redução dos juros, contenção dos gastos públicos e mais investimentos são fundamentais para evitar a desindustrialização e promover o crescimento.

Conforme demonstra estudo do FMI sobre as projeções da economia para o biênio 2005/2006, o crescimento do Brasil no período é inferior à média mundial, está muito aquém do patamar dos emergentes e abaixo dos mais importantes vizinhos da América Latina. Os dados evidenciam o que os brasileiros já sabem: a ausência de algumas lições de casa cruciais e a postergação

de outras criam círculo vicioso desestimulante ao nível de atividades. Os distintos setores são atingidos, ressentindo-se de uma política econômica mais arejada, criativa e capaz de conciliar responsabilidade fiscal, controle inflacionário e prosperidade.

A indústria, em particular, na qual exigem-se pesados investimentos para a garantia de produtividade e competitividade, é apenada de maneira muito grave pelos impostos, juros, restrição do mercado interno e a dificuldade de exportar provocada pelo câmbio

sobrevalorizado. Há sérias razões para preocupação quando o setor enfrenta problemas dessa natureza, pois é praticamente um consenso, nas diferentes correntes do pensamento econômico, que a estrutura e a qualidade da acumulação de capital dependem da indústria. Ou seja: na composição do PIB, é a proporção relativa ao setor manufatureiro que irá determinar a capacidade de gerar tecnologia, aumentar a produtividade, agregar valor à pauta de exportações, criar empregos em escala e distribuir melhor a renda.

Exemplo claro da correção dessa tese é a própria economia brasileira. Aqui, a indústria representa 42% do PIB. Considerada tal premissa, é preocupante constatar que, entre 1980 e 2004, o PIB industrial brasileiro cresceu apenas 40%, contra a média de 140% nos países emergentes. O número permite fazer amargo diagnóstico: embora o País tenha o mais desenvolvido parque manufatureiro da América Latina, enfrenta um processo de desindustrialização precoce.

O quadro não faz justiça ao empenho das indústrias brasileiras de investir em tecnologia, qualidade e produtividade. Nestes aspectos, são empresas vencedoras. Intramuros, sua produção é tão ou mais competitiva do que a de qualquer outra no mundo. Externamente, porém, enfrentam juros reais de 14% ao ano, tributos de 37% do PIB, valorização do Real de 28% em 17 meses, inflexível regulamentação trabalhista, carência de logística e infra-estrutura, complexidade da legislação e morosidade da Justiça.

São ônus como esses que impactaram negativamente, de 1980 a 2004, o desempenho da indústria nacional. Os efeitos do chamado “Custo Brasil” são o caldo de cultura da desindustrialização precoce. Dívida pública crescente, alimentada pela imprudência fiscal, e ausência de política econômica voltada ao crescimento completam o quadro de dificuldades. Assim, é urgente encontrar alternativas. Ou seja, o Brasil precisa de um projeto estrutural de desenvolvimento.

A prioridade é a redução drástica dos gastos públicos, propiciando maior volume de investimentos e melhor controle da inflação. Também é preciso estabelecer política eficiente de cré-



Paulo Skaf

dito, para produção e consumo, considerando a redução dos juros. Outra tarefa imprescindível é implementar política comercial eficaz, abrangendo câmbio adequado, consolidação do intercâmbio com os partners tradicionais, conquista de novos mercados e ferrenha luta contra a pirataria, na qual a Fiesp tem sido uma das principais articuladoras. As teses da entidade também incluem as reformas política, trabalhista e tributário-fiscal, bem como a implementação das Parcerias Público-Privadas, para solucionar o gargalo da infra-estrutura, e mais estí-

mulo às micro e pequenas empresas. O significado da indústria para a economia e os números de seu baixo crescimento no Brasil em relação a outros países têm perigosa congruência com estudo do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). A síntese do trabalho, que enfoca a previdência, contém o seguinte alerta: “As nações industrializadas enriqueceram antes de envelhecer; os países emergentes estão envelhecendo antes de enriquecer”. Este é o caso do Brasil. E, para enriquecer, na acepção do enfoque abordado pelo BID, o País depende muito do fortalecimento de seu parque manufatureiro. ■

N enhum peso, enhum medida

Por: José Vicente, presidente da Afrobras e reitor da Unipalmares

No decorrer de todo o Dia 21 de Março, em várias partes do mundo, capitaneadas pela ONU – Organização das Nações Unidas, milhares de pessoas estiveram debruçadas em profunda reflexão sobre os ensinamentos e o aprendizado do episódio historicamente marcante de Shaperville, Johannesburgo, na África do Sul.

Ali, no ano de 1960, durante vigência do regime do *apartheid*, uma multidão de homens, mulheres e crianças negras realizava manifestação pacífica contrária a instituição pelo governo, da Lei do Passe, a qual determinava a obrigatoriedade da obtenção de autorização governamental para que pudesse exercer o direito natural de ir e vir.

Aos gritos impávidos pela liberdade sobrevieram os ruídos surdos e flamejantes dos fuzis das forças de segurança ultimando, ali mesmo, quase uma centena de vidas caras que defenderam, heroicamente, em nome de toda a humanidade, os valores da dignidade e da igualdade humana, frente à injustiça e a opressão. Das cinzas calcinantes dessas mortes inocentes é que brotaram as energias

esmagadoras que, tempos depois, amalgamadas na fibra única e indelével de Nelson Mandela, devolviam a alegria da vida livre ao povo negro da África do Sul.

Da lição aprendida resulta o ensinamento latente, que, para se construir igualdade, justiça e paz social é preciso ser intransigente e combater todos os dias e em todos os lugares a mínima possibilidade de agressão aos valores humanos, expresso na microfigura de qualquer indivíduo que seja, pois ele é a expressão máxima da humanidade. Nenhum peso e nenhuma medida – este é o retrato do Brasil na condução do maior contingente de negros fora da África. Um simples olhar ao redor, e nos números frios das estatísticas oficial, dá a exata dimensão do quanto há para se fazer na construção desses valores inalienáveis.

Na África do Sul do *apartheid* havia mais negros nas universidades do que na República Brasileira da atualidade. No Brasil, da democracia racial, as 400 maiores empresas do país empregam nos cargos de chefia 2% de negros e,



José Vicente

nas que praticam responsabilidade social, a contratação de profissionais negros está abaixo da dos ex-detentos.

Na África do Sul pós-*apartheid* os negros passaram a ocupar equilibradamente os cargos de status, poder e decisão, construindo juntos com os brancos um país de progresso, tranquilidade e segurança para todos. No Brasil, à luz do terceiro milênio, o negro brasileiro é mantido afastado, imobilizado, discriminado, invisível e na solidão, vitimado, no mais das vezes, por armas tão distintas, mas tão mortíferas quanto os fuzis que vitimaram os heróis de Shaperville: alguns tapinhas nas costas ou um cínico aperto de mão.

Tanto quanto a reflexão e reverência, devemos mesmo orar todos juntos para que Oxalá nos auxilie a encontrar um caminho seguro que permita refundar o Brasil, tendo como ensinamento e aprendizado os valores sagrados da humanidade tão ardenteamente defendidos com a coragem e a vida dos homens, mulheres e crianças negras de Shaperville. Um país de todos. Um país para todos. ■